

Em relação aos textos
elencados

Para o Vestibular da
Unioeste

2015, 2016 e 2017, destaca-
se

Que se disponibilizaram
apenas os

poemas e contos mais
difíceis de

serem encontrados.

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA

ÀOS CARAMURUS DA BAHIA

Um calção de pindoba, a meia zorra,
camisa de urucu, mantéu de arara,
em lugar de cotó, arco e taquara,
penacho de guarás, em vez de gorra.

Furado o beijo, sem temer que morra
o pai, que lho envazou cuma titara,
porém a mãe a pedra lhe aplicara
por reprimir-lhe o sangue que não corra.

Alarve sem razão, bruto sem fé,
sem mais leis que a do gosto, quando erra,
de Paiaíá tornou-se em abaité.

Não sei onde acabou, ou em que guerra:
só sei que deste Adão de Massapé
procedem os fidalgos desta terra.

A JESUS CRISTO CRUCIFICADO, ESTANDO O POETA PARA MORRER

Meu Deus, que estais pendente de um madeiro,
em cuja lei protesto de viver,
em cuja santa lei hei de morrer
animoso, constante, firme e inteiro:

neste lance, por ser o derradeiro,
pois vejo a minha vida anoitêcer,
é meu Jesus, a hora de se ver
a brandura de um pai, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delito;
porém pode ter fim todo o pecar,
e não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,
que, por mais que pequei, neste conflito
espero em vosso amor de me salvar.

A INSTABILIDADE DAS COUSAS DO MUNDO

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
depois da Luz, se segue a noite escura,
em tristes sombras morre a formosura,
em contínuas tristezas a alegria.

5 Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

10 Mas no Sol, e na luz falta a firmeza,
na formosura não se dá constância,
e na alegria sinte-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
e tem qualquer dos bens por natureza
a firmeza somente na inconstância.

CANÇÃO EXCÊNTRICA – CECÍLIA MEIRELES

Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
projeto-me num abraço
e gero uma despedida.

Se volto sobre o meu passo,
é já distância perdida.

Meu coração, coisa de aço,
começa a achar um cansaço
esta procura de espaço
para o desenho da vida.
Já por exausta e descrida
não me animo a um breve traço:
– saudável do que não faço,
– do que faço, arrependida.

(in: *Vaga música*, Rio de Janeiro: Pongetti, 1942)

VILA RICA – OLAVO BILAC

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre,
O último ouro de sol morre na cerração.
E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

O ferrageiro de Carmona JOÃO CABRAL DE MENEZES NETO

Um ferrageiro de Carmona
que me informava de um balcão:
"Aquilo? É de ferro fundido,
foi a fôrma que fez, não a mão.

Só trabalho em ferro forjado
que é quando se trabalha ferro;
então, corpo a corpo com ele,
domo-o, dobro-o, até o onde quero.

O ferro fundido é sem luta,
é só derramá-lo na fôrma.
Não há nele a queda-de-braço
e o cara-a-cara de uma forja.

Existe grande diferença
do ferro forjado ao fundido;
é uma distância tão enorme
que não pode medir-se a gritos.

Conhece a Giralda em Sevilha?
De certo subiu lá em cima.
Reparou nas flores de ferro
dos quatro jarros das esquinas?

Pois aquilo é ferro forjado.
Flores criadas numa outra língua.
Nada têm das flores de fôrma
moldadas pelas das campinas.

Dou-lhe aqui humilde receita,
ao senhor que dizem ser poeta:
o ferro não deve fundir-se
nem deve a voz ter diarreia.

Forjar: domar o ferro à força,
não até uma flor já sabida,
mas ao que pode até ser flor
se flor parece a quem o diga".

CONSOADA – MANUEL BANDEIRA

Quando a Indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:

- Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com os seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

Língua portuguesa - OLAVO BILAC

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trombo e o silvo da procela,
E o arralo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Irene no céu

M. Bandeira

*Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom-humor.*

*Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.*

OURO PRETO

M. Bandeira

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada
Ribeirão trepidante e de cada recosto
De montanha o metal rolou na cascalhada
Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.
Esta agência postal era a Casa de Entrada...
Este escombros foi um solar... Cinza e desgosto!

O bandeirante decaiu — é funcionário:
Último sabedor da crônica estupenda,
Chico Diogo escarnece o último visionário.

E avulta apenas, quando a noite de mansinho
Vem, na pedra-sabão lavrada como renda,
— Sombra descamundal, a mão do Aleijadinho!

MANUEL BANDEIRA:

Lira dos cinqüent'anos.

In: —. Poesia e prosa.

Rio de Janeiro, José Aguilar, 1958, v. 1, p. 271.

Música brasileira OLAVO BILAC

Tens, às vezes, o fogo soberano
Do amor: encerras na cadência, acesa
Em requiebrros e encantos de impureza,
Todo o feitiço do pecado humano.

Mas, sobre essa volúpia, erra a tristeza
Dos desertos, das matas e do oceano:
Bárbara poracé, banzo africano,
E soluços de trova portuguesa.

Es samba e jongo, chiba e fado, cujos
Acordes são desejos e orfandades
De selvagens, cativos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes.
Lasciva dor, beijo de três saudades,
Flor amorosa de três raças tristes.

Namorados

M. Bandeira

*O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
— Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com
[a sua cara*

A moça olhou de lado e esperou.

*— Você não sabe quando a gente é criança e de repente v.
[uma lagarta listrada*

A moça se lembrava:

— A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

— Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

Cotovia
M. Bandeira
*Aiô, cotovia!
Aonde voaste,
Por onde andaste,
Que tantas saudades me deixaste?*

- *Andei onde deu o vento.
Onde foi meu pensamento.
Em sítios, que nunca viste,
De um país que não existe...
Voltei, te trouxe a alegria.*
- *Muito contas, cotovia!
E que outras terras distantes
Visitaste? Dize ao triste.*
- *Líbia ardente, Cítia fria,
Europa, França, Bahia...*
- *E esqueceste Pernambuco,
Distraída?*
- *Voei ao Recife, no Cais
Pousei da rua da Aurora.*
- *Aurora da minha vida,
Que os anos não trazem mais!*
- *Os anos não, nem os dias,
Que isso cabe às cotovias.
Meu bico é bem pequenino
Para o bem que é deste mundo:
Se enche com uma gota de água.
Mas sei torcer o destino,
Sei no espaço de um segundo
Limpar o pesar mais fundo.
Voei ao Recife, e dos longes
Das distâncias, aonde alcança
Só a asa da cotovia,
— Do mais remoto e perempto
Dos teus dias de criança
Te trouxe a extinta esperança,
Trouxe a perdida alegria.*

LEVAM O AMANHECER

H. Kolody

Partem.
E levam consigo
a memória
de nosso amanhecer.

A quem dirigir
a pergunta mágica:
Lembra-se?

Quem,
entre os jovens,
acreditará
que fomos jovens também?

NAVEGANTE

H. Kolody

Navegou
no veleiro dos livros.

Desembarcou
e conferiu.

E o mundo que viu
não era o que imaginou.

DOM H. Kolody

Deus dá a todos uma estrela.
Uns fazem da estrela um sol.
Outros nem conseguem vê-la.

CONFIDENCIA DO ITABIRANO

ALGUNS ANOS vivi em Itabira.¹

Drummond

Principalmente nasci em Itabira.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem
[horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval,
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!

CANÇÃO AMIGA

(Carlos Drummond de Andrade)

Eu preparo uma canção
em que minha mãe se reconheça,
todas as mães se reconheçam,
e que fale como dois olhos.¹

Caminho por uma rua
que passa em muitos países.
Se não me vêem, eu vejo
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo
como quem ama ou sorri.
No jeito mais natural
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas
formam um só diamante.
Aprendi novas palavras
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção²
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.

AOS ATLETAS

C. Drummond

OS POETAS haviam composto suas odes
para saudar atletas vencedores.

A conquista brilhava entre dois toques.

Era frágil e grácil

fazer da glória ancila de nós todos.

Hoje

manuscritos picados em solução

chovem do terraço chuva de irrisão.

Mas eu, poeta da derrota, me levanto

sem revolta e sem pranto

para saudar os atletas vencidos.

Que importa hajam perdido?

Que importa o não-ter-sido?

Que me importa uma taça por três vezes,

se duas a provci para sentir,

coléante no fundo, o malicioso

mercúrio de sua perda no futuro?

E preciso xingar o Gordo e o Magro?

E o médico e o treinador e o massagista?

Que vil tristeza, essa

a espalhar-se em rancor, e não em canto

ao capricho dos deuses e da bola

que brinca no gramado

em contínua promessa

e fez um anjo e faz um ogre de Feola?

Nem valia ter ganho

a esquiya Copa

e dar a volta olímpica no estádio

se fosse para tê-la em nossa copa

eternamente prenda de família

a inscrever no inventário

na coluna de mitos e baixelas

que a vizinhança humilha,

quando a taça tem asas, e, voando,

a este e aquele vai-se derramando

Oi, meu flavo canarinho,

capricha nesse trilo

tanto mais doce quanto mais tranqüilo

onde estiver Bellini ou Jairzinho,

o engenhoso Tostão, o sempre Djalma Santos,

e Pelé e Gilmar,

qualquer dos que em Britânia conheceram

depois da hora radiosa

a hora dura do esporte,

sem a qual não há prêmio que conforte,

pois perder é tocar alguma coisa

mais além da vitória, é encontrar-se

naquele ponto onde começa tudo

a nascer do perdido, lentamente.

Canta, canta, canarinho,

a sorte lançada entre

o laboratório de erros

e o labirinto de surpresas,

canta o conhecimento do limite,
a madura experiência a brotar da rota esperança.

Nem heróis argivos nem párias,

voltam os homens—estropiados

mas lúcidos, na justa dimensão.

Souvenirs na bagagem misturados:

o dia-sim, o dia-não.

O dia-não completa o dia-sim

na perfeita medalha. Hoje completos

são os atletas que saúdo:

nas mãos vazias eles trazem tudo

que dobra a fortaleza da alma forte.

O MOMENTO FELIZ

C. Drummond

COM o arremesso das feras
e o cálculo das formigas
a Seleção avança
negaceia

recua
envolve.

É longe e em mim.

Sou o estádio de Jalisco, triturado
de chuteiras, a grama sofredora
a bola mosqueada e caprichosa.

Assistir? Não assisto. Estou jogando.

No baralho de gestos, na maranha
na contusão da coxa

na dor do gol perdido
na volta do relógio, e na linha de sombra
que vai crescendo e esse tento não vem
ou vem mas é contrário... e se renova
em lenta lesma de *replay*.

Eu não merecia ser varado

por esse tiro frouxo sem destino.

Meus onze atletas

são onze meninos fustigados

por um deus fútil que comanda a sorte.

É preciso lutar contra o deus fútil

fazer tudo de novo, formiguinha

rasgando seu caminho na espessura

do cimento do muro.

Então crescem os homens. Cada um

é toda a luta, sério. E é todo arte.

Uma geometria astuciosa

aérea, musical, de corpos sábios.

a se entenderem, membros polifônicos

de um corpo só, belo e suado. Rio,

rio de dor feliz, recompensada

com Tostão a criar e Jair terminando

a fecunda jogada.

É gooooooooool na garganta florida

rouca exausta, gol no peito meu aberto

gol na minha rua nos terraços

nos bares nas bandeiras nos morteiros

gol

na girandolarrugem das girândolas

gol

na chuva de papeizinhos celebrando

por conta própria no ar, cada papel,

riso de dança distribuído

pelo país inteiro em festa de abraçar

e beijar e cantar

é gol legal é gol natal é gol de mel e sol.

Ninguém me prende mais, jogo por mil

jogo em Pelé o sempre rei republicano

o povo feito atleta na poesia

do jogo mágico.

Sou Rivelino, a lâmina do nome

cobrando, fina, a falta.

Sou Clodoaldo rima de Everaldo.

Sou Brito e sua viva cabeçada,

com Gerson e Piazza me acrescento

de forças novas. Com orgulho certo

me faço capitão Carlos Alberto.

Félix, defendo e abarco

em meu abraço a bola e salvo o arco.

Como foi que esquentou assim o jogo?

Que energias dobradas afloraram

do banco de reservas interiores?

Um rio passa em mim ou sou o mar atlântico

passando pela cancha e se espraiando

por toda a minha gente reunida

num só vídeo, infinito, num ser único?

De repente o Brasil ficou unido

contente de existir, trocando a morte

o ódio, a pobreza, a doença, o atraso triste

por um momento puro de grandeza

e afirmação no esporte.

Vencer com honra e graça

com beleza e humildade

é ser maduro e merecer a vida,

ato de criação, ato de amor.

A Zagalo, zagal prudente,

e a seus homens de campo e bastidor

fica devendo a minha gente

este minuto de felicidade.

— Diga, minha senhora.

— É que nos toque agora aquela sua polca *Não Bula Comigo, Nhonhô*.

Pestanha fez uma careta, mas dissimulou depressa, inclinou-se calado, sem gentileza, e foi para o piano, sem entusiasmo. Ouvidos os primeiros compassos, derramou-se pela sala uma alegria nova, os cavalheiros correram às damas, e os pares entraram a saracotear a polca da moda. Da moda; tinha sido publicada vinte dias antes, e já não havia recanto da cidade em que não fosse conhecida. Ia chegando à consagração do assobio e da cantarola noturna.

Sinhazinha Mota estava longe de supor que aquele Pestana que ela vira à mesa de jantar e depois ao piano, metido numa sobrecasaca cor de rapé, cabelo negro, longo e cacheado, olhos cuidadosos, queixo rapado, era o mesmo Pestana compositor; foi uma amiga que lho disse quando o viu vir do piano, acabada a polca. Daí a pergunta admirativa. Vimos que ele respondeu aborrecido e vexado. Nem assim as duas moças lhe pouparam finezas, tais e tantas, que a mais modesta vaidade se contentaria de as ouvir; ele recebeu-as cada vez mais enfadado, até que, alegando dor de cabeça, pediu licença para sair. Nem elas, nem a dona da cada, ninguém logrou retê-lo. Ofereceram-lhe remédios caseiros, algum repouso, não aceitou nada, teimou em sair e saiu.

Rua fora, caminhou depressa, com medo de que ainda o chamassem; só afrouxou depois que dobrou a esquina da Rua Formosa. Mas aí mesmo esperava-o a sua grande polca festiva. De uma casa modesta, à direita, a poucos metros de distância, saíam as notas da composição do dia, sopradas em clarineta. Dançava-se. Pestana parou alguns instantes, pensou em arrepisar caminho, mas dispôs-se a andar, estugou o passo, atravessou a rua, e seguiu pelo lado oposto ao da casa do baile. As notas foram-se perdendo, ao longe, e o nosso homem entrou na Rua do Aterrado, onde morava. Já perto de casa viu vir dois homens; um deles, passando rentezinho com o Pestana, começou a assobiar a mesma polca, rijamente, com brio, e o outro pegou a tempo na música, e aí foram os dois abaixo, ruidosos e alegres, enquanto o autor da peça, desesperado, corria a meter-se em casa.

Em casa, respirou. Casa velha, escada velha, um preto velho que o servia, e que veio saber se ele queria cear.

— Não quero nada, bradou o Pestana; faça-me café e vá dormir.

Despiu-se, enfiou uma camisola, e foi para a sala dos fundos. Quando o preto acendeu o gás da sala, Pestana sorriu e, dentro d'alma, cumprimentou uns dez retratos que pendiam da parede. Um só era a óleo, o de um padre, que o educara, que lhe ensinara latim e música, e que,

segundo os ociosos, era o próprio pai do Pestana. Certo é que lhe deixou em herança aquela casa velha, e os velhos trastes, ainda do tempo de Pedro I. Compusera alguns motetes o padre, era doido por música, sacra ou profana, cujo gosto incutiu no moço, ou também lhe transmitiu no sangue, se é que tinham razão as bocas vadias, coisa de que se não ocupa a minha história, como ides ver.

Os demais retratos eram de compositores clássicos, Cimarosa, Mozart, Beethoven, Gluk, Bach, Schumann, e ainda uns três, alguns gravados, outros litografados, todos mal encaixados e de diferente tamanho, mas postos ali como santos de uma igreja. O piano era o altar; o evangelho da noite lá estava aberto: era uma sonata de Beethoven.

Veio o café; Pestana engoliu a primeira xícara, e sentou-se ao piano. Olhou para o retrato de Beethoven, e começou a executar a sonata, sem saber de si, desvairado ou absorto, mas com grande perfeição. Repetiu a peça; depois parou alguns instantes, levantou-se e foi a uma das janelas. Tornou ao piano; era a vez de Mozart, pegou de um trecho, e executou-o do mesmo modo, com a alma alhures. Haydn levou-o à meia-noite e à segunda xícara de café.

Entre meia-noite e uma hora, Pestana pouco mais fez que estar à janela e olhar para as estrelas, entrar e olhar para os retratos. De quando em quando ia ao piano, e, de pé dava uns golpes soltos no teclado, como se procurasse algum pensamento; mas o pensamento não parecia e ele voltava a encostara-se à janela. As estrelas pareciam-lhe outras tantas notas musicais fixadas no céu à espera de alguém que as fosse descolar; tempo viria em que o céu tinha de ficar vazio, mas então a terra seria uma constelação de partituras. Nenhuma imagem, desvario ou reflexão trazia uma lembrança qualquer de Sinhazinha Mota, que entretanto, a essa mesma hora, adormecia pensando nele, famoso autor de tantas polcas amadas. Talvez a idéia conjugal tirou à moça alguns momentos de sono. Que tinha? Ela ia em vinte anos, ele em trinta, boa conta. A moça dormia ao som da polca, ouvida de cor, enquanto o autor desta não cuidava nem da polca nem da moça, mas das velhas obras clássicas, interrogando o céu e a noite, rogando aos anjos, em último caso ao diabo. Por que não faria ele uma só que fosse daquelas páginas imortais?

Às vezes, como que ia surgir das profundezas do inconsciente uma aurora de idéia; ele corria ao piano, para aventá-la inteira, traduzi-la, em sons, mas era em vão; a idéia esvaía-se. Outras vezes, sentado ao piano, deixava os dedos correrem, à ventura, a ver se as fantasias brotavam deles, como dos de Mozart; mas nada, nada, a inspiração não vinha, a imaginação deixava-se estar dormindo. Se acaso uma idéia apa-

Chiquinho era o marido. Os quadros talavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

— São bonitos, disse eu.

— Bonitos são; mas estão manchados. E depois, francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

— De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

— Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A idéia do oratório trouxe-me a da missa; lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à tou para as paredes.

— Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer algum coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

•Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devuncando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz

que bradava: "Missa do galo! missa do galo!".

— Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que hão de ser horas; adeus.

— Já serão horas? perguntei.

— Naturalmente.

— Missa do galo! — repetiram de fora, batendo.

— Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus, até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Sai à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

207

UM HOMEM CÉLEBRE

[VÁRIAS HISTÓRIAS]

— Ah? o senhor é que é o Pestana? perguntou Sinhazinha Mota, fazendo um largo gesto admirativo. E logo depois, corrigindo a familiaridade: — Desculpe meu modo, mas... é mesmo o senhor?

Vexado, aborrecido, Pestana respondeu que sim, que era ele. Vinha do plano, enxugando a testa com o lenço, e ia a chegar à janela, quando a moça o fez parar. Não era baile; apenas um sarau íntimo, pouca gente, vinte pessoas ao todo, que tinham ido jantar com a viúva Camargo, rua do Areal, naquele dia dos anos dela, cinco de novembro de 1875... Boa e patusca viúva! Amava o riso e a folga, apesar dos sessenta anos em que entrava, e foi a última vez que folgou e riu, pois faleceu nos primeiros dias de 1876. Boa e patusca viúva! Com que alma e diligência arranjou ali umas danças, logo depois do jantar, pedindo ao Pestana que tocasse uma quadrilha! Nem foi preciso acabar o pedido; Pestana curvou-se gentilmente, e correu ao piano. Finda a quadrilha, mal teriam descansado uns dez minutos, a viúva correu novamente ao Pestana para um obséquio mui particular.

recia, definida e bela, era eco apenas de alguma peça alheia, que a memória repetia, e que ele supunha inventar. Então, irritado, erguia-se, jurava abandonar a arte, ir plantar café ou puxar carroça; mas daí a minutos, ei-lo outra vez, com os olhos em Mozart, a imitá-lo ao piano.

Duas, três, quatro horas. Depois das quatro foi dormir; estava cansado, desanimado, morto; tinha que dar lições no dia seguinte. Pouco dormiu; acordou às sete horas. Vestiu-se e almoçou.

— Meu senhor quer a bengala ou o chapéu-de-sol? perguntou o preto, segundo as ordens que tinha, porque as distrações do senhor eram freqüentes.

— A bengala.

— Mas parece que hoje chove.

— Chove, repetiu Pestana maquinalmente.

— Parece que sim, senhor, o céu está meio escuro.

Pestana olhava para o preto, vago, preocupado. De repente:

— Espera aí.

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. Pestana esquecera as discípulas, esquecera o preto, que o esperava com a bengala e o guarda-chuva, esquecera até os retratos que pendiam gravemente da parede. Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vão esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

Em pouco tempo estava a polca feita. Corrigiu ainda alguns pontos, quando voltou para jantar; mas já a cantarolava, andando, na rua. Gostou dela; na composição recente e inédita circulava o sangue da paternidade e da vocação. Dois dias depois, foi levá-la ao editor das outras polcas suas, que andariam já por umas trinta. O editor achou-a linda.

— Vai fazer grande efeito.

Veio a questão do título. Pestana, quando compôs a primeira polca, em 1871, quis dar-lhe um título poético, escolheu este: *Pingos de Sol*. O editor abanou a cabeça, e disse-lhe que os títulos deveriam ser, já de si, destinados à popularidade, — ou por alusão a algum sucesso do dia, — ou pela graça das palavras; indicou-lhe dois: *A Lei de 28 de Setembro*, ou *Candongas não Fazem Festa*.

— Mas que quer dizer *Candongas não Fazem Festa*? perguntou o autor.

— Não quer dizer nada, mas populariza-se logo.

Pestana, ainda donzel inédito, recusou qualquer das denominações e guardou a polca; mas não tardou que compusesse outra, e a comichão da publicidade levou-o a imprimir as duas, com os títulos que ao editor parecessem mais atraentes ou apropriados. Assim se regulou pelo tempo adiante.

Agora, quando Pestana entregou a nova polca, e passaram ao título, o editor acudiu que trazia um, desde muitos dias, para a primeira obra que ele lhe apresentasse, título de espanto, longo e meneado. Era este: *Senhora Dona, Guarde o seu Balaio*.

— E para a vez seguinte, acrescentou, já trago outro de cor.

Exposta à venda, esgotou-se logo a primeira edição. A fama do compositor bastava à procura; mas a obra em si mesma era adequada ao gênero, original, convidava a dançá-la e decorava-se depressa. Em oito dias, estava célebre. Pestana, durante os primeiros, andou deveras namorado da composição, gostava de a cantarolar baixinho, decinha-se na rua, para ouvi-la tocar em alguma casa, e zangava-se quando não a tocavam bem. Desde logo, as orquestras de teatro a executaram, e ele lá foi a um deles. Não desgostou também de a ouvir assobiada, uma noite, por um vulto que descia a rua do Atarrado.

Essa lua-de-mel durou apenas um quarto de lua. Como das outras vezes, e mais depressa ainda, os velhos mestres retratados o fizeram sangrar de remorsos. Vexado e enfasiado, Pestana arremeteu contra aquela que o viera consolar tantas vezes, musa de olhos marotos e gestos arredondados, fácil e graciosa. E aí voltaram as náuseas de si mesmo, o ódio a quem lhe pedia a nova polca da moda, e juntamente o esforço de compor alguma coisa ao sabor clássico, uma página que fosse, uma só, mas tal que pudesse ser encadernada entre Bach e Schumann. Vão estudo, inútil esforço. Mergulhava naquele Jordão sem sair batizado. Noites e noites, gastou-as assim, confiado e teimoso, certo de que a vontade era tudo, e que, uma vez que abrisse mão da música fácil...

— As polcas que vão para o inferno fazer dançar o diabo, disse ele um dia, de madrugada ao deitar-se.

Mas as polcas não quiseram ir tão fundo. Vinham à casa de Pestana, à própria sala dos retratos, irrompiam tão prontas, que ele não tinha mais que o tempo de as compor, imprimi-las depois, gostá-las alguns dias, aborrecê-las, e tornar às velhas fontes, donde lhe não manava nada. Nessa alternativa viveu até casar, e depois de casar.

— Casar com quem? perguntou Sinhazinha Mota ao tio escrivão que lhe deu aquela notícia.

— Vai casar com uma viúva.

- Velha?
- Vinte e sete anos.
- Bonita?

— Não, nem feia, assim, assim. Ouí dizer que ele se enamorou dela porque a ouviu cantar na última festa de S. Francisco de Paula. Mas ouví também que ela possui outra prenda, que não é rara, mas vale menos: está tísica.

Os escrivães não devlam ter espírito, — mau espírito quero dizer. A sobrinha deste sentiu no fim um pingo de bálsamo, que lhe curou a dentadilha da inveja. Era tudo verdade. Pestana casou daí a dias com uma viúva de vinte e sete anos, boa cantora e tísica. Recebeu-a como a esposa espiritual do seu gênio. O celibato era, sem dúvida, a causa da esterilidade e do transvio, dizia ele consigo; artisticamente considerava-se um arruador de horas mortas; tinha as polcas por aventuras de petimetres. Agora, sim, é que ia engendrar uma família de obras sérias, profundas, inspiradas e trabalhadas.

Essa esperança abotoou desde as primeiras horas do amor, e desabrochou à primeira aurora do casamento. Maria, balbuciou a alma dele, dá-me o que não achei na solidão das noites, nem no tumulto dos dias.

Desde logo, para comemorar o consórcio, teve idéia de compor um noturno. Chamar-lhe-ia *Ave, Maria*. A felicidade como que lhe trouxe um princípio de inspiração; não querendo dizer nada à mulher, antes de pronto, trabalhava às escondidas; coisa difícil, porque Maria, que amava igualmente a arte, vinha tocar com ele, ou ouvi-lo somente, horas e horas, na sala dos retratos. Chegaram a fazer alguns concertos semanais, com três artistas, amigos do Pestana. Um domingo, porém, não se pôde ter o marido, e chamou a mulher para tocar um trecho do noturno; não lhe disse o que era nem de quem era. De repente, parando, interrogou-a com os olhos.

— Acaba, disse Maria; não é Chopin?

Pestana empalideceu, fitou os olhos no ar, repetiu um ou dois trechos e ergueu-se. Maria assentou-se ao piano, e, depois de algum esforço de memória, executou a peça de Chopin. A idéia, o motivo eram os mesmos; Pestana achara-os em algum daqueles becos escuros da memória, velha cidade de traições. Triste, desesperado, saiu de casa, e dirigiu-se para o lado da ponte, caminho de S. Cristóvão.

— Para que lutar? dizia ele. Vou com as polcas... Viva a polca!

Homens que passavam por ele, e ouviam isto, ficavam olhando, como para um doido. E ele ia andando, alucinado, mortificado, eterna peteca entre a ambição e a vocação... Passou o velho matadouro; ao

chegar à porteira da estrada de ferro, teve idéia de ir pelo trilho acima e esperar o primeiro trem que viesse e o esmagasse. O guarda fê-lo recuar. Voltou a si e tornou a casa.

Poucos dias depois, — uma clara e fresca manhã de maio de 1876, — eram seis horas, Pestana sentiu nos dedos um frêmito particular e conhecido. Ergueu-se devagarinho, para não acordar Maria, que tossira toda a noite, e agora dormia profundamente. Foi para a sala dos retratos, abriu o piano, e, o mais surdamente que pôde, extraiu uma polca. Fê-la publicar com um pseudônimo; nos dois meses seguintes compôs e publicou mais duas. Maria não soube nada; ia tossindo e morrendo, até que expirou uma noite, nos braços do marido, apavorado e desesperado.

Era noite de Natal. A dor do Pestana teve um acréscimo, porque na vizinhança havia um baile, em que se tocaram várias de suas melhores polcas. Já o baile era duro de sofrer; as suas composições davam-lhe um ar de ironia e perversidade. Ele sentia a cadência dos passos, adivinhava os movimentos, porventura lúbricos, a que obrigava alguma daquelas composições; tudo isso ao pé do cadáver pálido, um molho de ossos, estendido na cama... Todas as horas da noite passaram assim, vagarosas ou rápidas, úmidas de lágrimas e de suor, de águas da Colônia e de Labarraque, saltando sem parar, como ao som da polca de um grande Pestana invisível.

Enterrada a mulher, o viúvo teve uma única preocupação: deixar a música, depois de compor um *Réquiem*, que faria executar no primeiro aniversário da morte de Maria. Escolheria outro emprego, discrevente, carteiro, mascate, qualquer coisa que lhe fizesse esquecer a arte assassina e surda.

Começou a obra; empregou tudo, arrojo, paciência, meditação e até os caprichos do acaso, como fizera outrora, imitando Mozart. Releu e estudou o *Réquiem* deste autor. Passaram-se semanas e meses. A obra, célere a princípio, afrouxou o andar. Pestana tinha altos e baixos. Ora achava-a incompleta, não lhe sentia a alma sacra, nem idéia, nem inspiração, nem método; ora elevava-se-lhe o coração e trabalhava com vigor. Oito meses, nove, dez, onze, e o *Réquiem* não estava concluído. Redobrou de esforços; esqueceu lições e amizades. Tinha feito muitas vezes a obra; mas agora queria concluí-la, fosse como fosse. Quinze dias, oito, cinco. A aurora do aniversário veio achá-lo trabalhando.

Contentou-se da missa rezada e simples, para ele só. Não se pode dizer se todas as lágrimas que lhe vieram sorrateiramente aos olhos foram do marido, ou se algumas eram do compositor. Certo é que nunca mais tornou ao *Réquiem*.

— Para quê? dizia ele a si mesmo.

Correu ainda um ano. No princípio de 1878, appareceu-lhe o editor.

— Lá vão dois anos, disse este, que nos não dá um at da sua graça. Toda a gente pergunta se o senhor perdeu o talento. Que tem feito?

— Nada.

— Bem sei o golpe que o feriu; mas lá vão dois anos. Venho propor-lhe um contrato; vinte polcas durantes doze meses; o preço antigo, e uma porcentagem maior na venda. Depois, acabado o ano, podemos renovar.

Pestana assentiu com um gesto. Poucas lições tinha, vendera a casa para saldar dívidas, e as necessidades iam comendo o resto, que era assaz escasso. Aceitou o contrato.

— Mas a primeira polca há de ser já, explicou o editor. É urgente. Viu a carta do Imperador ao Caxias? Os liberaes foram chamados ao poder; vão fazer a reforma eleitoral. A polca há de chamar-se: *Bravos à Eleição Direta!* Não é política; é um bom título de ocasião.

Pestana compôs a primeira obra do contrato. Apesar do longo tempo de silêncio, não perdera a originalidade nem a inspiração. Trazia a mesma nota genial. As outras polcas vieram vindo, regularmente. Conservara os retratos e os repertórios; mas fugia de gastar todas as noites ao piano, para não cair em novas tentativas. Já agora pedia uma entrada de graça, sempre que havia alguma boa ópera ou concerto de artista, ia, metia-se a um canto, gozando aquella porção de coisas que nunca lhe haviam de brotar do cérebro. Uma ou outra vez, ao tornar para casa, cheio de música, despertava nele o maestro inédito; então, sentava-se ao piano, e, sem idéia tirava algumas notas, até que ia dormir, vinte ou trinta minutos depois.

Assim foram passando os anos, até 1885. A fama do Pestana dera-lhe definitivamente o primeiro lugar entre os compositores de polcas; mas o primeiro lugar da aldeia não contentava a este César, que continuava a preferir-lhe não o segundo, mas o centésimo em Roma. Tinha ainda as alternativas de outro tempo, acerca de suas composições; a diferença é que eram menos violentas. Nem entusiasmo nas primeiras horas, nem horror depois da primeira semana; algum prazer e certo fastio.

Naquelle anno, apanhou uma febre de nada, que em poucos dias cresceu, até virar pernicioso. Já estava em perigo, quando lhe appareceu o editor, que não sabia da doença, e ia dar-lhe noticia da subida dos conservadores, e pedir-lhe uma polca de ocasião. O enfermeiro, pobre clarineta do teatro, referiu-lhe o estado do Pestana, de modo que o editor

entendeu calar-se. O doente é que instou para que lhe dissesse o que era; o editor obedeceu.

— Mas há de ser quando estiver bom de todo, concluiu.

— Logo que a febre decline um pouco, disse o Pestana.

Seguiu-se uma pausa de alguns segundos. Os clarineta foi pé ante pé preparar o remédio; o editor levantou-se e despediu-se.

— Adeus.

— Olhe, disse o Pestana, como é provável que eu morra por estes dias, faça-lhe logo duas polcas; a outra servirá para quando subirem os liberaes.

Foi a única pilhéria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, às quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.

A DESEJADA DAS GENTES

MACHADO DE ASSIS

— Ah! conselheiro, aí começa a falar em verso.

— Todos os homens devem ter uma lira no coração — ou não sejam homens. Que a lira ressoe a toda a hora, nem por qualquer motivo, não o digo eu; mas de longe em longe, e por algumas reminiscências particulares... Sabe por que é que lhe pareço poeta, apesar das Ordenações do Reino e dos cabelos grisalhos? É porque vamos por esta Glória¹ adiante, costeando aqui a Secretaria de Estrangeiros... Lá está o outeiro célebre... Adiante há uma casa...

— Vamos andando.

— Vamos... Divina Quintília! Todas essas caras que aí passam são outras, mas falam-me daquele tempo, como se fossem as mesmas de outrora; é a lira que ressoa, e a imaginação faz o resto. Divina Quintília!

— Chamava-se Quintília? Conheci de vista, quando andava na Escola de Medicina, uma linda moça com esse nome. Diziam que era a mais bela da cidade.

— Há de ser a mesma, porque tinha essa fama. Magra e alta?

— Isso. Que fim levou?

— Morreu em 1859. Vinte de abril. Nunca me há de esquecer esse dia. Vou contar-lhe um caso interessante para mim, e creio que também para o senhor. Olhe, a casa era aquela... Morava com um tio, chefe de esquadra reformado; tinha outra casa no Cosme Velho. Quando conheci Quintília... Que idade pensa que teria, quando a conheci?

— Se foi em 1855...

— Em 1855.

— Devia ter vinte anos.

— Tinha trinta.

— Trinta?

— Trinta anos. Não os parecia, nem era nenhuma inimiga que lhe dava essa idade. Ela própria a confessava e até com afetação. Ao contrário, uma de suas amigas afirmava que Quintília não passava dos vinte e sete; mas como ambas tinham nascido no mesmo dia, dizia isso para diminuir-se a si própria.

— Mau, nada de ironias; olhe que a ironia não faz boa cama com a saudade.

— Que é a saudade senão uma ironia do tempo e da fortuna? Veja lá; começo a ficar sentencioso. Trinta anos; mas em verdade, não os parecia. Lembra-se bem que era magra e alta; tinha os olhos, como eu então dizia, que pareciam cortados da capa da última noite, mas, apesar de noturnos, sem mistérios nem abismos. A voz era brandíssima, um tanto apaulistada, a boca larga, e os dentes, quando ela simplesmente falava, davam-

¹ Glória: bairro da cidade do Rio de Janeiro onde há uma bela igreja do século XVIII construída sobre um outeiro.

lhe à boca um ar de riso. Ria também, e foram os risos dela, de parceria com os olhos, que me doeram muito durante certo tempo.

— Mas se os olhos não tinham mistérios...

— Tanto não os tinham que cheguei ao ponto de supor que eram as portas abertas do castelo, e o riso o clarim que chamava os cavaleiros. Já a conhecíamos, eu e o meu companheiro de escritório, o João Nóbrega, ambos principiantes na advocacia, e íntimos como ninguém mais; mas nunca nos lembrou namorá-la. Ela andava então no galarim; era bela, rica, elegante, e da primeira roda. Mas um dia, no antigo Teatro Provisório entre dois atos dos *Puritinos*, estando eu num corredor, ouvi um grupo de moços que falavam dela, como de uma fortaleza inexpugnável. Dois confessaram haver tentado alguma coisa, mas sem fruto; e todos pasmavam do celibato da moça que lhes parecia sem explicação. E chaliceavam: um dizia que era promessa até ver se engordava primeiro; outro que estava esperando a segunda mocidade do tio para casar com ele; outro que provavelmente encomendara algum anjo ao porteiro do céu; trivialidades que me aborreceram muito e, da parte dos que confessavam tê-la cortejado ou amado, achei que era uma grosseria sem nome. No que eles estavam todos de acordo é que ela era extraordinariamente bela; aí foram entusiastas e sinceros.

— Oh! ainda me lembro!... Era muito bonita.

— No dia seguinte, ao chegar ao escritório, entre duas causas que não vinham, contei ao Nóbrega a conversação da véspera. Nóbrega riu-se do caso, refletiu, e depois de dar alguns passos parou diante de mim, olhando, calado. "Aposto que a namoras?", perguntei-lhe. "Não", disse ele, "nem tu? Pois lembrou-me uma coisa: vamos tentar o assalto à fortaleza? Que perdemos com isso? Nada; ou ela nos põe na rua, e já podemos esperá-lo, ou aceita um de nós, e tanto melhor para o outro que verá o seu amigo feliz." "Estás falando sério?" "Muito sério." Nóbrega acrescentou que não era só a beleza dela que a fazia atraente. Note que ele tinha a presunção de ser espírito prático, mas era principalmente um sonhador que vivia lendo e construindo aparelhos sociais e políticos. Segundo ele, os tais rapazes do teatro evitavam falar dos bens da moça, que eram um dos feitiços dela, e uma das causas prováveis da desconsolação de uns e dos sarcasmos de todos. E dizia-me: "Escuta, nem divinizar o dinheiro, nem também bani-lo; não vamos crer que ele dá tudo, mas reconhecamos que dá alguma coisa e até muita coisa — este relógio, por exemplo. Combatamos pela nossa Quintília, minha ou tua, mas provavelmente minha, porque sou mais bonito que tu".

— Conselheiro, a confissão é grave; foi assim brincando...?

— Foi assim brincando, cheirando ainda aos bancos da academia, que nos metemos em negócio de tanta ponderação, que podia acabar em nada, mas deu muito de si. Era um começo estouvado, quase um passatempo de crianças, sem a nota da sinceridade; mas o homem põe e a espécie dispõe. Conhecíamos-a, posto não tivéssemos encontros frequentes; uma vez que nos dispusemos a uma ação comum, entrou um elemento novo na nossa vida, e dentro de um mês estávamos brigados.

— Brigados?

— Ou quase. Não tínhamos contado com ela, que nos enfeitiçou a ambos, violentamente. Em algumas semanas já pouco falávamos de Quintília, e com indiferença;

tratávamos de enganar um ao outro e dissimular o que sentíamos. Foi assim que as nossas relações se dissolveram, no fim de seis meses, sem ódio, nem luta, nem demonstração externa, porque ainda nos falávamos, onde o acaso nos reunia; mas já então tínhamos banca separada.

— Começo a ver uma pontinha do drama...

— Tragédia, diga tragédia; porque daí a pouco tempo, ou por desengano verbal que ela lhe desse, ou por desespero de vencer, Nóbrega deixou-me só em campo. Arranjou uma nomeação de juiz municipal lá para os sertões da Bahia, onde definiu e morreu antes de acabar o quadriênio. E juro-lhe que não foi o inculcado espírito prático de Nóbrega que o separou de mim; ele, que tanto falara das vantagens do dinheiro, morreu apaixonado como um simples Werther².

— Menos a pistola.

— Também o veneno mata; e o amor de Quintília podia dizer-se alguma coisa parecido com isso; foi o que o matou, e o que ainda hoje me dói... Mas, vejo pelo seu dito que o estou aborrecendo...

— Pelo amor de Deus. Juro-lhe que não; foi uma graça que me escapou. Vamos adiante, conselheiro; ficou só em campo.

— Quintília não deixava ninguém estar só em campo — não digo por ela, mas pelos outros. Muitos vinham ali tomar um cálix de esperanças, e iam cear a outra parte. Ela não favorecia a um mais que a outro; mas era lhana, graciosa e tinha essa espécie de olhos derramados que não foram feitos para homens ciumentos³. Tive ciúmes amargos e, às vezes, terríveis. Todo argueiro me parecia um cavaleiro⁴, e todo cavaleiro um diabo. Afinal acostumei-me a ver que eram passageiros de um dia. Outros me metiam mais medo, eram os que vinham dentro da luva das amigas. Creio que houve duas ou três negociações dessas, mas sem resultado. Quintília declarou que nada faria sem consultar o tio, e o tio aconselhou a recusa — coisa que ela sabia de antemão. O bom velho não gostava nunca da visita de homens, com receio de que a sobrinha escolhesse algum e casasse. Estava tão acostumado a trazê-la ao pé de si, como uma muleta da velha alma aleijada, que temia perdê-la inteiramente.

— Não seria essa a causa da isenção sistemática da moça?

— Vai ver que não.

— O que noto é que o senhor era mais teimoso que os outros...

— ... Iludido, a princípio, porque no meio de tantas candidaturas malogradas Quintília preferia-me a todos os outros homens, e conversava comigo mais largamente e mais intimamente, a tal ponto que chegou a correr que nos casávamos.

2 Werther: personagem que dá nome a um famoso romance do escritor alemão Goethe (1749-1832). Werther é um jovem romântico que se mata por amor.

3 Machado de Assis sempre destacou os olhos como elemento importante na caracterização das personagens. Observe a insinuação que ele faz ao comentar os olhos "derramados" de Quintília.

4 Referência à expressão popular da época "fazer de um argueiro um cavaleiro", que quer dizer dar muita importância a coisa insignificante.

— Mas conversavam de quê?

— De tudo o que ela não conversava com os outros; e era de fazer pasmar que uma pessoa tão amiga de bailes e passeios, de valsar e rir, fosse comigo tão severa e grave, tão diferente do que costumava ou parecia ser.

— A razão é clara: achava a sua conversação menos insossa que a dos outros homens.

— Obrigado; era mais profunda a causa da diferença, e a diferença ia-se acentuando com os tempos. Quando a vida cá embaixo a aborrecia muito, ia para o Cosme Velho, e ali as nossas conversações eram mais frequentes e compridas. Não lhe posso dizer, nem o senhor compreenderia nada, o que foram as horas que ali passei, incorporando na minha vida toda a vida que jorrava dela. Muitas vezes quis dizer-lhe o que sentia, mas as palavras tinham medo e ficavam no coração. Escrevi cartas sobre cartas; todas me pareciam frias, difusas, ou inchadas de estilo. Demais, ela não dava ensejo a nada; tinha um ar de velha amiga. No princípio de 1857 adoeceu meu pai em Itaboraá⁵; corri a vê-lo, achei-o moribundo. Este fato reteve-me fora da Corte uns quatro meses. Voltei pelos fins de maio. Quintília recebeu-me triste da minha tristeza, e vi claramente que o meu luto passara aos olhos dela...

— Mas que era isso senão amor?

— Assim o cri, e dispus a minha vida para desposá-la. Nisto, adoeceu o tio gravemente. Quintília não ficava só, se ele morresse, porque, além dos muitos parentes espalhados que tinha, morava com ela agora, na casa da Rua do Catete, uma prima, dona Ana, viúva; mas, é certo que a afeição principal ia-se embora e nessa transição da vida presente à vida ulterior podia eu alcançar o que desejava. A moléstia do tio foi breve; ajudada da velhice, levou-o em duas semanas. Digo-lhe aqui que a morte dele lembrou-me a de meu pai, e a dor que então senti foi quase a mesma. Quintília viu-me padecer, compreendeu o duplo motivo, e, segundo me disse depois, estimou a coincidência do golpe, uma vez que tínhamos de o receber sem falta e tão breve. A palavra pareceu-me um convite matrimonial; dois meses depois cuidei de pedi-la em casamento. Dona Ana ficara morando com ela e estavam no Cosme Velho. Fui ali, achei-as juntas no terraço, que ficava perto da montanha. Eram quatro horas da tarde de um domingo. Dona Ana, que nos presumia namorados, deixou-nos o campo livre.

— Enfim!

— No terraço, lugar solitário, e posso dizer agreste, proferi a primeira palavra. O meu plano era justamente precipitar tudo, com medo de que cinco minutos de conversa me tirassem as forças. Ainda assim, não sabe o que me custou; custaria menos uma batalha, e juro-lhe que não nasci para guerras. Mas aquela mulher magrinha e delicada impunha-se-me como nenhuma outra, antes e depois...

— E então?

— Quintília adivinhara, pelo transtorno do meu rosto, o que lhe ia pedir, e deixou-me falar para preparar a resposta. A resposta foi interrogativa e negativa. Casar

⁵ Itaboraá: pequena cidade do interior do estado do Rio de Janeiro.

para quê? Era melhor que ficássemos amigos como dantes. Respondi-lhe que a amizade era, em mim, desde muito, a simples sentinela do amor; não podendo mais contê-lo, deixou que ele saísse. Quintília sorriu da metáfora, o que me doeu, e sem razão; ela, vendo o efeito, fez-se outra vez séria e tratou de persuadir-me de que era melhor não casar. “Estou velha”, disse ela, “vou em trinta e três anos.” “Mas se eu a amo assim mesmo”, repliquei, e disse-lhe uma porção de coisas, que não poderia repetir agora. Quintília refletiu um instante; depois insistiu nas relações de amizade; disse que, posto que mais moço que ela, tinha a gravidade de um homem mais velho, e inspirava-lhe confiança como nenhum outro. Desesperançado, dei algumas passadas, depois sentei-me outra vez e narrei-lhe tudo. Ao saber da minha briga com o amigo e companheiro da academia, e a separação em que ficamos, sentiu-se, não sei se diga, magoada ou irritada. Censurou-nos a ambos, não valia a pena que chegássemos a tal ponto. “A senhora diz isso porque não sente a mesma coisa.” “Mas então é um delfino?” “Creio que sim; o que lhe afianço é que ainda agora, se fosse necessário, separar-me-ia dele uma e cem vezes; e creio poder afirmar-lhe que ele faria a mesma coisa.” Aqui olhou ela espantada para mim, como se olha para uma pessoa cujas faculdades parecem transtornadas; depois abanou a cabeça, e repetiu que fora um erro; não valia a pena. “Fiquemos amigos”, disse-me, estendendo a mão. “É impossível; pede-me coisa superior às minhas forças, nunca poderei ver na senhora uma simples amiga; não desejo impor-lhe nada; dir-lhe-ei até que nem mais insisto, porque não aceitaria outra resposta agora.” Trocamos ainda algumas palavras, e retirei-me... Veja a minha mão.

— Treme-lhe ainda...

— E não lhe contei tudo. Não lhe digo aqui os aborrecimentos que tive, nem a dor e o despeito que me ficaram. Estava arrependido, zangado, devia ter provocado aquele desengano desde as primeiras semanas; mas a culpa foi da esperança, que é uma planta daninha, que me comeu o lugar de outras plantas melhores. No fim de cinco dias saí para Itaboraá, onde me chamaram alguns interesses do inventário de meu pai. Quando voltei, três semanas depois, achei em casa uma carta de Quintília.

— Oh!

— Abri-a alvoroçadamente: datava de quatro dias. Era longa; aludia aos últimos sucessos, e dizia coisas meigas e graves. Quintília afirmava ter esperado por mim todos os dias, não cuidando que eu levasse o egoísmo até não voltar lá mais, por isso escrevia-me, pedindo que fizesse dos meus sentimentos pessoais e sem eco uma página de história acabada; que ficasse só o amigo, e lá fosse ver a sua amiga. E concluía com estas singulares palavras: “Quer uma garantia? Juro-lhe que não casarei nunca”. Compreendi que um vínculo de simpatia moral nos ligava um ao outro; com a diferença que o que era em mim paixão específica, era nela uma simples eleição de caráter. Éramos dois sócios, que entravam no comércio da vida com diferente capital: eu, tudo o que possuía; ela, quase um óbolo. Respondi à carta dela nesse sentido; e declarei que era tal a minha obediência e o meu amor, que cedia, mas de má vontade, porque, depois do que se passara entre nós, ia sentir-me humilhado. Risquei a palavra *ridículo*, já escrita, para poder ir vê-la sem este vexame; bastava o outro.

— Aposto que seguiu atrás da carta? É o que eu faria, porque essa moça, ou eu me engano ou estava morta por casar com o senhor.

— Deixe a sua fisiologia⁶ usual; este caso é particularíssimo.

— Deixe-me adivinhar o resto; o juramento era um anzol místico; depois, o senhor, que o recebera, podia desobrigá-la dele, uma vez que aproveitasse com a absolvição. Mas, enfim, correu à casa dela.

— Não corri; fui dois dias depois. No intervalo, respondeu ela à minha carta com um bilhete carinhoso, que rematava com esta idéia: "Não fale de humilhação, onde não houve público". Fui, voltei uma e mais vezes e restabeleceram-se as nossas relações. Não se falou em nada; ao princípio, custou-me muito parecer o que era dantes; depois, o demônio da esperança veio pousar outra vez no meu coração; e, sem nada exprimir, cuidei que um dia, um dia tarde, ela viesse a casar comigo. E foi essa esperança que me retificou aos meus próprios olhos, na situação em que me achava. Os boatos de nosso casamento correram mundo. Chegaram aos nossos ouvidos; eu negava formalmente e sério; ela dava de ombros e ria. Foi essa fase da nossa vida a mais serena para mim, salvo um incidente curto, um diplomata austríaco ou não sei quê, rapagão, elegante, ruivo, olhos grandes e atrativos, e fidalgo ainda por cima. Quintília mostrou-se-lhe tão graciosa, que ele cuidou estar aceito, e tratou de ir adiante. Creio que algum gesto meu, inconsciente, ou então um pouco da percepção fina que o céu lhe dera, levou depressa o desengano à legação austríaca. Pouco depois ela adoeceu; e foi então que a nossa intimidade cresceu de vulto. Ela, enquanto se tratava, resolveu não sair, e isso mesmo lhe disseram os médicos. Lá passava eu muitas horas diariamente. Ou elas tocavam, ou jogávamos os três, ou então lia-se alguma coisa; a maior parte das vezes conversávamos somente. Foi então que a estudei muito; escutando as suas leituras vi que os livros puramente amorosos achava-os incompreensíveis, e, se as paixões aí eram violentas, largava-os com tédio. Não falava assim por ignorante; tinha notícia vaga das paixões, e assistira a algumas alheias.

— De que moléstia padecia?

— Da espinha. Os médicos diziam que a moléstia não era talvez recente, e ia tocando o ponto melindroso. Chegamos assim a 1859. Desde março desse ano a moléstia agravou-se muito; teve uma pequena parada, mas para os fins do mês chegou ao estado desesperador. Nunca vi depois criatura mais enérgica diante da iminente catástrofe; estava então de uma magreza transparente, quase fluida; ria, ou antes, sorria apenas, e vendo que eu escondia as minhas lágrimas, apertava-me as mãos agradecida. Um dia, estando só com o médico, perguntou-lhe a verdade; ele ia mentir; ela disse-lhe que era inútil, que estava perdida. "Perdida, não", murmurou o médico. "Jura que não estou perdida?" Ele hesitou, ela agradeceu-lho. Uma vez certa que morria, ordenou o que prometera a si mesma.

— Casou com o senhor, aposto?

— Não me lembre essa triste cerimônia; ou antes, deixe-me lembrá-la, porque me traz algum alento do passado. Não aceitou recusas nem pedidos meus; casou comigo à beira da morte. Foi no dia 18 de abril de 1859. Passei os últimos dois dias, até 20 de abril, ao pé da minha noiva moribunda, e abracei-a pela primeira vez, feita cadáver.

— Tudo isso é bem esquisito.

— Não sei o que dirá a sua fisiologia. A minha, que é de profano, crê que aquela moça tinha ao casamento uma aversão puramente física. Casou meio defunta, às portas do nada. Chame-lhe monstro, se quer, mas acrescente divino.

⁶ Fisiologia: no texto, essa palavra tem o sentido de "explicação do comportamento humano".

A nova Califórnia

Lima Barreto

I

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel, pois assim era subscrita a correspondência que recebia. E era grande. Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

— Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar.

Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

O alarme se fez na vila. Para uns, os mais adiantados, era um fabricante de moeda falsa; para outros, os crentes e simples, um tipo que tinha parte com o tihoso.

Lima Barreto

Chico da Tirana, o carreiro, quando passava em frente da casa do homem misterioso, ao lado do carro a chiar, e olhava a chaminé da sala de jantar a fumegar, não deixava de persignar-se e rezar um “credo” em voz baixa; e, não fora a intervenção do farmacêutico, o subdelegado teria ido dar um cerco à casa daquele indivíduo suspeito, que inquietava a imaginação de toda uma população.

Tomando em consideração as informações de Fabrício, o boticário Bastos concluiu que o desconhecido devia ser um sábio, um grande químico, refugiado ali para mais sossegadamente levar avante os seus trabalhos científicos.

Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também, porque o doutor Jerônimo não gostava de receitar e se fizera sócio da farmácia para mais em paz viver, a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências e fez com que a população cercasse de uma silenciosa admiração a pessoa do grande químico, que viera habitar a cidade.

De tarde, se o viam a passear pela margem do Tubiacanga, sentando-se aqui e ali, olhando perdidamente as águas claras do riacho, cismando diante da penetrante melancolia do crepúsculo, todos se descobriam e não era raro que às “boas noites” crescentassem “doutor”. E tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer.

Na verdade, era de ver-se, sob a doçura suave da tarde, a bondade de Messias com que ele aflagava aquelas crianças pretas, tão lisas de pele e tão tristes de modos, mergulhadas no seu cativeiro moral, e também as brancas, de pele baça, gretada e áspera, vivendo amparadas na necessária caquexia dos trópicos.

Por vezes, vinha-lhe vontade de pensar qual a razão de ter Bernardin de Saint-Pierre gasto toda a sua ternura com Paulo e Virgínia e esquecer-se dos escravos que os cercavam...

Em poucos dias a admiração pelo sábio era quase geral, e, não o era, unicamente porque havia alguém que não tinha em grande conta os méritos do novo habitante.

Capitão Pelino, mestre-escola e redator da *Gazeta de Tubiacanga*, órgão local e filiado ao partido situacionista, embirrava com o sábio. “Vocês hão de ver, dizia ele, quem é esse tipo... Um caloteiro, um aventureiro ou talvez um ladrão fugido do Rio.”

A sua opinião em nada se baseava, ou antes, baseava-se no seu oculto despeito vendo na terra um rival para a fama de sábio de que gozava. Não que

Pelino fosse químico, longe disso; mas era sábio, era gramático. Ninguém escrevia em Tubiacanga que não levasse bordoadada do Capitão Pelino, e mesmo quando se falava em algum homem notável lá no Rio, ele não deixava de dizer: "Não há dúvida! O homem tem talento, mas escreve: 'um outro', 'de resto'..." E contraía os lábios como se tivesse engolido alguma cousa amarga.

Toda a vila de Tubiacanga acostumou-se a respeitar o solene Pelino, que corrigia e emendava as maiores glórias nacionais. Um sábio...

Ao entardecer, depois de ler um pouco o Sotero, o Cândido de Figueiredo ou o Castro Lopes e de ter passado mais uma vez a tintura nos cabelos, o velho mestre-escola saía vagarosamente de casa, muito abotoado no seu paletó de brim mineiro, e encaminhava-se para a botica do Bastos a dar dous dedos de prosa. Conversar é um modo de dizer, porque era Pelino avaro de palavras, limitando-se tão-somente a ouvir. Quando, porém, dos lábios de alguém escapava a menor incorreção de linguagem, intervinha e emendava. "Eu asseguro, dizia o agente do Correio, que..." Por aí, o mestre-escola intervinha com mansuetude evangélica: "Não diga 'asseguro', Senhor Bernardes; em português é 'garanto'."

E a conversa continuava depois da emenda, para ser de novo interrompida por uma outra. Por essas e outras, houve muitos palestradores que se afastaram, mas Pelino, indiferente, seguro dos seus deveres, continuava o seu apostolado de vernaculismo. A chegada do sábio veio distraí-lo um pouco da sua missão. Todo o seu esforço voltava-se agora para combater aquele rival, que surgia tão inopinadamente.

Foram vãs as suas palavras e a sua eloquência: não só Raimundo Flamel pagava em dia as suas contas, como era generoso — pai da pobreza — e o farmacêutico vira numa revista de específicos seu nome citado como químico de valor.

II

Havia já anos que o químico vivia em Tubiacanga, quando, uma bela manhã, Bastos o viu entrar pela botica adentro. O prazer do farmacêutico foi imenso. O sábio não se dignara até aí visitar fosse quem fosse, e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a futura festa de Nossa Senhora da Conceição, foi com visível enfado que ele o recebeu e atendeu.

Vendo-o, Bastos saiu de detrás do balcão, correu a recebê-lo com a mais perfeita demonstração de quem sabia com quem tratava e foi quase em uma exclamação que disse:

— Doutor, seja bem-vindo.

O sábio pareceu não se surpreender nem com a demonstração de respeito do farmacêutico, nem com o tratamento universitário. Docemente olhou um instante a armação cheia de medicamentos e respondeu:

— Desejava falar-lhe em particular, Senhor Bastos.

O espanto do farmacêutico foi grande. Em que poderia ele ser útil ao homem, cujo nome corria mundo e de quem os jornais falavam com tão acendrado respeito. Seria dinheiro? Talvez... Um atraso no pagamento das rendas, quem sabe? E foi conduzindo o químico para o interior da casa, sob o olhar espantado do aprendiz, que, por um momento, deixou a "mão" descansar no gral, onde macerava uma tisana qualquer.

Por fim, achou aos fundos, bem no fundo, o quartinho que lhe servia para exames médicos mais detidos ou para as pequenas operações, porque Bastos também operava. Sentaram-se e Flamel não tardou a expor:

— Como o senhor deve saber, dedico-me à química, tenho mesmo um nome respeitado no mundo sábio...

— Sei perfeitamente, doutor, mesmo tenho disso informado, aqui, aos meus amigos.

— Obrigado. Pois bem: fiz uma grande descoberta, extraordinária...

Envergonhado com o seu entusiasmo, o sábio fez uma pausa e depois continuou:

— Uma descoberta... Mas não me convém, por ora, comunicar ao mundo sábio, compreende?

— Perfeitamente.

— Por isso precisava de três pessoas conceituadas que fossem testemunhas de uma experiência dela e me dessem um atestado em forma, para resguardar a prioridade da minha invenção... O senhor sabe: há acontecimentos imprevistos e...

— Certamente! Não há dúvida!

— Imagine o senhor que se trata de fazer ouro...

— Como? O quê? fez Bastos arregalando os olhos.

— Sim! Ouro! disse com firmeza Flamel.

— Como?

— O senhor saberá, disse o químico secamente. A questão do momento são as pessoas que devem assistir à experiência, não acha?

— Com certeza, é preciso que os seus direitos fiquem resguardados, porquanto...

— Uma delas, interrompeu o sábio, é o senhor; as outras duas o Senhor Bastos fará o favor de indicar-me.

O boticário esteve um instante a pensar, passando em revista os seus conhecimentos e, ao fim de uns três minutos, perguntou:

— O Coronel Bentes lhe serve? Conhece?

— Não. O senhor sabe que não me dou com ninguém aqui.

— Posso garantir-lhe que é homem sério, rico e muito discreto.

— É religioso? Faço-lhe esta pergunta, acrescentou Flamel logo, porque temos que lidar com ossos de defunto e só estes servem...

— Qual! É quase ateu...

— Bem! aceito. E o outro?

Bastos voltou a pensar e dessa vez demorou-se um pouco mais consultando a sua memória... Por fim falou:

— Será o Tenente Carvalhais, o coletor, conhece?

— Como já lhe disse...

— É verdade. É homem de confiança, sério, mas...

— Que é que tem?

— É maçom.

— Melhor.

— E quando é?

— Domingo. Domingo, os três irão lá em casa assistir à experiência e espero que não me recusarão as suas firmas para autenticar a minha descoberta.

— Está tratado.

Domingo, conforme prometeram, as três pessoas respeitáveis de Tubiacanga foram à casa de Flamel, e, dias depois, misteriosamente, ele desaparecia sem deixar vestígio ou explicação para o seu desaparecimento.

III

Tubiacanga era uma pequena cidade de três ou quatro mil habitantes, muito pacífica, em cuja estação, de onde em onde, os expressos davam a honra de parar. Há cinco anos não se registrava nela um furto ou roubo. As portas e janelas só eram usadas... porque o Rio as usava.

O último crime notado em seu pobre cadastro fora um assassinato por ocasião das eleições municipais; mas, atendendo que o assassino era do partido do governo, e a vítima da oposição, o acontecimento em nada alterou os hábitos da cidade, continuando ela a exportar o seu café e a mirar as suas casas baixas e acanhadas nas escassas águas do pequeno rio que a batizara.

Mas, qual não foi a surpresa dos seus habitantes quando se veio a verificar nela um dos mais repugnantes crimes de que se tem memória! Não

se tratava de um esartejamento ou parricídio; não era o assassinato de uma família inteira ou um assalto à coletoria; era cousa pior, sacrílega aos olhos de todas as religiões e consciências; violavam-se as sepulturas do "Sossego", do seu cemitério, do seu campo-santo.

Em começo, o coveiro julgou que fossem cães, mas, revistando bem o muro, não encontrou senão pequenos buracos. Fechou-os; foi inútil. No dia seguinte, um jazigo perpétuo arrombado e os ossos saqueados; no outro, um carneiro e uma sepultura rasa. Era gente ou demônio. O coveiro não quis mais continuar as pesquisas por sua conta, foi ao subdelegado e a notícia espalhou-se pela cidade.

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. A religião da morte precede todas e certamente será a última a morrer nas consciências. Contra a profanação, clamaram os seis presbiterianos do lugar — os bíblias, como lhes chama o povo; clamava o Agrimensor Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes; clamava o Major Camanho, presidente da Loja Nova Esperança; clamavam o turco Miguel Abudala, negociante de armarinho, e o céptico Belmiro, antigo estudante, que vivia ao deus-dará, bebericando parati nas tavernas. A própria filha do engenheiro residente da estrada de ferro, que vivia desdenhando aquele lugarejo, sem notar sequer os suspiros dos apaixonados locais, sempre esperando que o expresso trouxesse um príncipe a desposá-la — a linda e desdenhosa Cora não pôde deixar de compartilhar da indignação e do horror que tal ato provocara em todos do lugarejo. Que tinha ela com o túmulo de antigos escravos e humildes roceiros? Em que podia interessar aos seus lindos olhos pardos o destino de tão humildes ossos? Porventura o furto deles perturbaria o seu sonho de fazer radiar a beleza de sua boca, dos seus olhos e do seu busto nas calçadas do Rio?

Decerto, não; mas era a Morte, a Morte implacável e onipotente, de quem ela também se sentia escrava, e que não deixaria um dia de levar a sua linda caveirinha para a paz eterna do cemitério. Ai Cora queria os seus ossos sossegados, quietos e comodamente descansando num caixão bem feito e num túmulo seguro, depois de ter sido a sua carne encanto e prazer dos vermes...

O mais indignado, porém, era Pelino. O professor deitara artigo de fundo, imprecando, bramindo, gritando: "Na história do crime, dizia ele, já bastante rica de fatos repugnantes, como sejam: o esartejamento de Maria de Macedo, o estrangulamento dos irmãos Fuoco, não se registra um que o seja tanto como o saque às sepulturas do 'Sossego'."

E a vila vivia em sobressalto. Nas faces não se lia mais paz; os negócios estavam paralisados; os namoros suspensos. Dias e dias por sobre as casas pairavam nuvens negras e, à noite, todos ouviam ruídos, gemidos, barulhos sobrenaturais... parecia que os mortos pediam vingança...

O saque, porém, continuava. Toda noite eram duas, três sepulturas abertas e esvaziadas de seu fúnebre conteúdo. Toda a população resolveu ir em massa guardar os ossos dos seus maiores. Foram cedo, mas, em breve, cedendo à fadiga e ao sono, retirou-se um, depois outro e, pela madrugada, já não havia nenhum vigilante. Ainda nesse dia o coeiro verificou que duas sepulturas tinham sido abertas e os ossos levados para destino misterioso.

Organizaram então uma guarda. Dez homens decididos juraram perante o subdelegado vigiar durante a noite a mansão dos mortos.

Nada houve de anormal na primeira noite, na segunda e na terceira; mas, na quarta, quando os vigias já se dispunham a cochilar, um deles julgou lóbrigar um vulto esgueirando-se por entre a quadra dos carneiros. Correram e conseguiram apanhar dous dos vampiros. A raiva e a indignação até aí sopitadas no ânimo deles, não se contiveram mais e deram tanta bordoadada nos macabros ladrões, que os deixaram estendidos como mortos.

A notícia correu logo de casa em casa e, quando, de manhã se tratou de estabelecer a identidade dos dous malfeitores, foi diante da população inteira que foram neles reconhecidos o Coletor Carvalhais e o coronel Bentes, rico fazendeiro e presidente da Câmara. Este último ainda vivia e, a perguntas repetidas que lhe fizeram, pôde dizer que juntava os ossos para fazer ouro e o companheiro que fugira era o farmacêutico.

Houve espanto e houve esperanças. Como fazer ouro com ossos? Seria possível? Mas aquele homem rico, respeitado, como desceria ao papel de ladrão de mortos se a cousa não fosse verdade!

Se fosse possível fazer, se daqueles míseros despojos fúnebres se pudesse fazer alguns contos de réis, como não seria bom para todos eles!

O carteiro, cujo velho sonho era a formatura do filho, viu logo ali meios de consegui-la. Castrioto, o escrivão do juiz de paz, que o ano passado conseguiu comprar uma casa, mas ainda não a pudera cercar, pensou no muro, que lhe devia proteger a horta e a criação. Pelos olhos do sitiante Marques, que andava desde anos atralhado para arranjar um pasto, passou logo o prado verde do Costa, onde os seus bois engordariam e ganhariam forças...

As necessidades de cada um, aqueles ossos que eram ouro, viriam atender, satisfazer e felicitá-los; e aqueles dous ou três milhares de pessoas, homens, crianças, mulheres, moços e velhos, como se fossem uma só pessoa, correram à casa do farmacêutico.

A custo, o subdelegado pôde impedir que varejassem a botica e conseguir que ficassem na praça à espera do homem, que tinha o segredo de todo um Potosi. Ele não tardou a aparecer. Trepado a uma cadeira, tendo na mão uma pequena barra de ouro que reluzia ao forte sol da manhã, Bastos pediu graça, prometendo que ensinaria o segredo, se lhe poupassem a vida. "Queremos já sabê-lo", gritaram. Ele então explicou que era preciso redigir a receita, indicar a marcha do processo, os reativos — trabalho longo que só poderia ser entregue impresso no dia seguinte. Houve um murmúrio, alguns chegaram a gritar, mas o subdelegado falou e responsabilizou-se pelo resultado.

Docilmente, com aquela doçura particular às multidões furiosas, cada qual se encaminhou para casa, tendo na cabeça um único pensamento: arranjar imediatamente a maior porção de ossos de defunto que pudesse.

O sucesso chegou à casa do engenheiro residente da estrada de ferro. Ao jantar, não se falou em outra cousa. O doutor concarenou o que ainda sabia do seu curso, e afirmou que era impossível. Isto era alquimia, cousa morta: ouro é ouro, corpo simples, e osso é osso, um composto, fosfato de cal. Pensar que se podia fazer de uma cousa outra era "besteira". Cora aproveitou o caso para rir-se petropolimente da crueldade daqueles botocudos; mas sua mãe, Dona Emília, tinha fé que a cousa era possível.

À noite, porém, o doutor percebendo que a mulher dormia, saltou a janela e correu em direitura ao cemitério; Cora, de pés nus, com as chinelas nas mãos, procurou a criada para irem juntas à colheita de ossos. Não a encontrou, foi sozinha; e Dona Emília, vendo-se só, adivinhou o passeio e lá foi também. E assim aconteceu na cidade inteira. O pai, sem dizer nada ao filho, saía; a mulher, julgando enganar o marido, saía; os filhos, as filhas, os criados — toda a população, sob a luz das estrelas assombradas, correu ao satânico *rendez-vous* no "Sossego". E ninguém faltou. O mais rico e o mais pobre lá estavam. Era o turco Miguel, era o professor Pelino, o doutor Jerônimo, o Major Camanho, Cora, a linda e deslumbrante Cora, com os seus lindos dedos de alabastro, revolvendo a sânie das sepulturas, arrancava as carnes ainda podres agarradas tenazmente aos ossos e deles enchia o seu regaço até ali inútil. Era o dote que colhia e as suas narinas, que se abriam em asas rosadas e quase transparentes, não sentiam o fétido dos tecidos apodrecidos em lama fedorenta...

A desinteligência não tardou a surgir; os mortos eram poucos e não bastavam para satisfazer a fome dos vivos. Houve facadas, tiros, cachações. Pelino esfaqueou o turco por causa de um fêmur e mesmo entre as famílias questões surgiram. Unicamente, o carteiro e o filho não brigaram. Andaram juntos e de acordo e houve uma vez que o pequeno, uma esperta criança de

onze anos, até aconselhou ao pai: "Papai, vamos onde está mamãe; ela era tão gorda..."

De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência. Uma única pessoa lá não estivera, não matara nem profanara sepulturas: fora o bêbedo Belmiro.

Entrando numa venda, meio aberta, e nela não encontrando ninguém, enchera uma garrafa de parati e se deixara ficar a beber sentado na margem do Tubiacanga, vendo escorrer mansamente as suas águas sobre o áspero leito de granito — ambos, ele e o rio, indiferentes ao que já viram, ao que viam, mesmo à fuga do farmacêutico, com o seu Potosi e o seu segredo, sob o dossel eterno das estrelas.

Dentro da noite

João do Rio

— **E**ntão causou sensação?
— Tanto mais quanto era inexplicável. Tu amavas a Clotilde, não? Ela, coitadita! parecia louca por ti, e os pais estavam radiantes de alegria. De repente, súbita transformação. Tu desapareces, a família fecha os salões como se estivesse de luto pesado. Clotilde chora... Evidentemente havia um mistério, uma dessas coisas capazes de fazer os espíritos imaginosos arquitetarem dramas horrendos. Por felicidade, o juízo geral é contra o teu procedimento.

— Contra mim?

— Podia ser contra a pureza de Clotilde. Graças aos deuses, porém, é contra ti. Eu mesmo concordaria com o Prates que te chama velhaco, se não viesse encontrar o nosso Rodolfo, agora, às onze da noite, por tamanha intempérie metido num trem de subúrbio, com o ar desvairado...

— Eu tenho ar desvairado?

— Absolutamente desvairado.

— Vê-se?

— É claro. Pobre amigo! Então, sofreste muito? Conta lá. Estás pálido, suando apesar da temperatura fria, e com um olhar tão estranho, tão esquisito. Parece que bebeste e que choraste. Conta lá. Nunca pensei encontrar o Rodolfo Queirós, o mais elegante artista desta terra, num trem de subúrbio, às onze de uma noite de temporal. É curioso. Ocultas os pesares nas matas suburbanas? Estás a fazer passeios de vício perigoso?

Malandro é assim. Cê diz que não? Já dançou. No Bar do Tiozinho é o rei. De boné vermelho. Um cara de muita lábia no dentinho de ouro. Não deixe que cochiche no teu ouvido:

— Ai, neguinha. Cê tá pra mim!

Fatal. Acaba fazendo tudo o que ele manda. Até o que não quer. Esse meu Tibinha é de morte.

O Grande Assalto

Desde os 12 anos já perdido nas drogas. A Maria me recolheu em casa e na cama. Deu a maior força pra livrar do vício. Agora tô com 16 e ela, uns 30.

Também tenho uma namorada, a Lili, de 15 aninhos. Ela tá grávida. A gente se gosta. O amor, essa coisa, sabe como é. E eu, desempregado, já pensou?

Lá tava eu com o Tito no Bar do Tiozinho. Mais um primo dele, barbudão, que não lembro o nome. Eles não são daqui, a gente se conheceu por aí. Bem lá eu, desempregado, a namorada grávida, morando com outra, e na pior.

O Tito me pagou duas pingas. Daí falou:

— Cê vem com a gente. É uma loja. Nós roubamos e dividimos o dinheiro. Em partes iguais.

Só que não foi o que aconteceu. Nesse dia, uma sexta-feira, ele falou:

— Amanhã de manhã teja na esquina da praça. Eu vou passar lá. E pego cê pra gente assaltar.

Daí eu disse:

— Ó cara. Tô desempregado e na pior. Vamo lá.
Na hora marcada, eles apareceram e fomos de carro. Era uma loja toda envidraçada. Ele me disse:

— Cê aí, primeiro. Chega no caixa e aponta a arma: “É um assalto!” Não tem erro.

Até aí era uma coisa. Nisso que eu entrei e peguei e falei: “É um assalto!”, o outro cara já pulava o balcão. Recolheu a grana e enfiou na jaqueta.

Só que daí arreventou a porta dos fundos e achava mais dinheiro lá dentro. Com ele na mão, falou:

— Tá no papo, chefia!

Daí pulamos no carro. O barbudão, no dia de glória:

— Viu só, babacas?

E caímos fora numa chispa.

Assim que chegamos na via rápida, o Tito se virou pra mim:

— A arma. Passa pra cá.

Eu entreguei o 38.

— Aqui cê desce.

Contou e me deu mil paus.

— Pô, cara. Só isso? Tá com toda essa grana. E eu levo só isso?

Daí ele:

— Ah, quer mais?

E apontando o 38.

— Um teco na tua cara de bundão?

Se é assim. Peguei o dinheiro, meti no bolso e vim pra casa.

Três dias depois, lá pelas quatro da tarde. Eu tava chegando, com uma nota de 50 dobradinha na meia, tudo o que sobrou depois de acertar umas contas. Quando vi passar um carro cinza. Passou como se não fosse nada.

Parou na esquina e desceu um tipo de chapéu e bigode. Ficou sondando por ali. Pô, que tanto olhava pro meu lado? E pensei: “O que será que é? Não fiz nada errado.”

Ele cresceu assim direto e deu voz de prisão. Ainda perguntei:

— E preso por quê? Posso saber?

Disse que havia feito um assalto no posto de gasolina. Logo eu, que tava limpo. Como sabia que não fui eu, achei que não tinha perigo.

— Tá bom. Se tá dizendo que fui eu.

Me rindo por dentro.

— Então fui eu.

Até assinei uns papéis lá. E me deixaram ir embora.

Fiz amorzinho com a menina. Daí contei pra ela, que me beijou, gostosa:

— João, você é um puto bacana!

Em casa foi a vez da Maria. Depois acendi um cigarro, falei dos papéis. Ela sacudiu a cabeça:

— Sabe, João? Acho que você fez é uma grande burrada!

E explicou direitinho. Caiu a cara. Cê tá fudido, ó bacana.

Umás Pedrinhas

Eu trabalho de chapa, issó aí, meritíssimo. Carrego e descarrego caminhão lá no Viaduto do Mercado. É, sim, as pedras tavam comigo. Isso não nego.

Na falta de serviço, pra não ficar de balde, ganho uns trocados catando latinha de cerveja. Eu saio andando aqui e ali. E no caso a polícia deu uma geral na turma lá. E, leva não leva, pegou três caras e deixou dois. Mas eu não tava na geral, não. Nem conheço esses tipos, é gente estranha de outro bairro.

Daí passei a mão naquele saco e na mochila que eu sempre ando com eles, quando enche um, uso outro. E não é que tinha umas pedrinhas? Eu perguntei prum cara:

— E esses troços?

Eram lascas de pedra. Nem uma do mesmo tamanho. Pequeninhas e maiores. Ali no papel de alumínio.

Ele falou:

— Isso é craque.

Daí fomos no terreno baldio, ele fumou duas, eu só uma: o baque espirrou o tampo da minha cachola — *tuiimmm!*

Uai, achei que tudo legal e guardei na mochila. Nunca me aconteceu bronca de polícia, não. É certo, já tive problema de cabeça. Fui internado no asilo por causa da bebida que atacou meu cérebro. Devo tomar nove comprimidos por dia, agora não tô tomando nenhum. Me prenderam e não pude ir em casa pegar a receita nem nada. São 32 dias sem remédio. E bem que me faz falta.

O nosso corró, você que entra, né, deixa lá fora toda esperança: quatro metros de comprido, um e meio de largo. Todo mundo dormindo de perna encolhida. O meritíssimo viu colchão? Nem eu. Quando alguém vai ali no vaso, a gente tem que acender uma teresa, já não agüenta a catanga. Isso mesmo, queimar trapo velho.

Dei entrada no dia da confusão com o pessoal. No mocó tinha umas 30 pedrinhas. Achei debaixo de uma lata. Não comprei de ninguém, não. Ali escondido. Eu levei sem pensar nessa encrenca toda.

Daí no sábado, ouvindo o jogão do Atletiba, eu tava lá. A Rone chegou de luz apagada. Na dica que era gente queimando a pedra meteu o revólver.

Um dos caras gritou:

— É a polícia!

No canto escuro a brasa dum cigarrinho? Esse era eu. Parado tava, parado fiquei.

Me levaram três reais e um isqueiro Bic, não lembro da cor. Mais duas carteiras, de uma só fumei um? dois? cigarros. O dinheiro minha filha que deu. Todo dia vem me ver, mas não deixam entrar. A pobre é vesguinha da vista esquerda. De tanto choro, com o paição em cana, periga de cegar o olhinho bom.

Isso aí, chefia. O que a gente pede é um pouco de conforto lá dentro. Assim não tem condição de ficar, não. Tá vertendo água das paredes. Não pode falar nadinha que leva porrada.

Durmo direto no cimento. Nem colchão tem. O cobertor, esse, todo molhado.

É uma judiação. Ser pobre, tudo bem. A gente encara. Mas judiação é covardia.

Isso tudo, eu juro, foi um azarão na minha vida. Vício não tenho. Quando me deu alta, o médico

avisou de não beber. É que sou meio bastante nervoso, como o doutor vê. Nunca pensei me ligar com droga. Traficante? Eu lá conheço algum!

Carrego qualquer caminhão que o chefia quiser. De caminhão eu entendo. Gosto mesmo é do trabalho. Cinco da manhã já tô na rua. Se não tem serviço, daí cato latinha pra vender.

E numa delas, isso aí, meritíssimo, não é que achei as pedrinhas?

A Pior Morte

Era uma noite escura. Eu voltava depressa pra casa. Ninguém na rua. Quando vi, os dois saíram do meio do nada. Capuz preto e faca na mão.

Todo o tempo eles de capuz. Deu pra saber que um era moço e outro, velho. Pela voz. E pela cor dos olhos. O velho tinha o olho esquerdo manchado de sangue.

Primeiro fui atacada pelo filho. Mandou ficar sem roupa. Me bateu bastante porque não obedeci. Xingou e jurou de sangrar na faca. Me feriu as mãos, o nariz, a boca.

Pensei que um assalto. Mas não: o que ele queria mesmo era estuprar. Bem doido, bêbado ou drogado. Na confusão da luta a minha bolsa com 13 reais se perdeu. Os dedos rasgados de afastar a faca que ele espetava no meu peito.

Daí eu vi que estava disposto a matar. E fiz tudo pra me livrar.

— Pensa que não sei? Desde os treze anos.

A inocentinha Rosa outra vítima.

— Filha minha, não. Do teu querido doutor. A mesma cara feia.

Jantamos, os filhos e eu. Mandeí o mais velho chamá-lo.

— O pai lá no quintal. De um lado para outro. Sacode o braço. Fala sozinho.

Pelas dez horas fomos deitar. Eu, no chão. Os filhos no quarto ao lado.

No sonho uma chuva negra me lavou o cabelo. Quis me sentar, não pude. Fui erguer a cabeça, sem força. Passei a mão na garganta. Ó Deus, não. Me afogando no sangue doce e quentinho. Bradei para a filha, acendesse a luz.

Meio cega, me arrastei até a casa de minha mãe, que chamou o socorro. Mal podia gemer, sufocada no próprio sangue.

A velha aos gritos de ver o corte feio na garganta e o grande buraco na cabeça.

Entre a vida e a morte por três dias. Aos poucos melhorei. Uma semana depois saí do hospital. Na cabeça foram sete pontos. Mais treze no pescoço. Ainda muito fraquinha e tonta.

O bandido se entregou na mesma noite. Bêbado, jurava que tinha sangrado e esfolado. E, o que dói mais, arrependido não estava.

BALADA DO VAMPIRO DE CURITIBA

Deus por que fez da mulher
O suspiro do moço
Sumidouro do velho?
Ai só de olhar eu morro
Se não quer
Por que exhibe as graças
Em vez de esconder?
Imagine então se
Não imagine arara bêbada
Pode que se encante com o bigodinho
Até lá enxugo os meus conhaques
Olha essa aí rebolando-se inteira
Ninguém diga sou taradinho
No fundo de cada filho de família
Dorme um vampiro
Muito sofredor ver moça bonita

E são tantas
Bem me fizeram o que sou
Oco de pau podre
Aqui floresce aranha cobra escorpião
Pudera sempre se enfeitando se pintando
Se adorando no espelhinho da bolsa
Não é para me deixarem assanhado?
Veja as filhas da cidade como elas crescem
Não trabalham nem fiam
Bem que estão gordinhas
Gênio do espelho existe em Curitiba
Alguém mais aflito que eu?
Não olhe cara feia
Não olhe que está perdido
Toda de preto meia preta
Repare na saia curta upa lá lá
Distrai-se a repuxá-la no joelho de covinha
Ai ser a liga roxa
O sapatinho que alisa o pé
E sapato ser esmagado pela dona do pezinho
Na ponta da língua a mulher filtra o mel
Que embebeda o colibri alucina o vampiro
Não faça isso meu anjo
Pintada de ouro vestida de pluma pena arminho
Olhe suspenso a um palmo do chão
Tarde demais já vi a loirinha
Milharal ondulante ao peso das espigas maduras
Como não roer unha?
Por ti serei maior que o motociclista do Globo da Morte
Uma vergonha na minha idade
Lá vou atrás dela
Em menino era a gloriosa bandinha do Tiro Rio Branco

No braço não sente a baba do meu olho?
Se existe força do pensamento
Ali na nuca os sete beijos da paixão
Já vai longe
Na rosa não cheirou a cinza do coração de andorinha
Ó morcego ó andorinha ó mosca
Nossa mãe até as moscas instrumento do prazer
De quantas arranquei as asas?
Brado aos céus
Como não ter espinha na cara?
Eu vos desprezo virgens cruéis
Ó meninas mais lindas de Curitiba
Nem uma baixou sobre mim o olhar vesgo da luxúria
Calma Nelsinho calma
Admirando as pirâmides marchadoras
De Quéops Quéfren Miquerinos
Quem se importa com o sangue de mil escravos?
Ai Jesus Cristinho socorro me salve
Triste rapaz na danação dos vinte anos
Carregar vidro de sanguessuga
Na hora do perigo aplicá-las na nuca?
Já o cego não vê a fumaça não fuma
Ó Deus enterra-me no olho a tua agulha de fogo
Não mais cão sarnento comido de pulgas
Que dá voltas para morder o rabo
Em despedida
Ó curvas ó delícias
Concede-me essa ruivinha que aí vai
A doce boquinha suplicando beijo
Ventosa da lagarta de fogo é o beijinho da virgem
Você grita vinte e quatro horas
Estrebucha feliz

Tão bem-feitas para serem acariciadas
Ratinho branco gato angorá porquinho-da-índia
Para onde você olha lá estão
Subindo e descendo a rua das flores
Cada uma cesto cheio de flores rua lavada de sol
Macieira em botão suspirosa de abelha
No bracinho nu a penugem dourada se arrepiando
Aos teus beijos soprados na brisa fagueira
Seguem a passo decidido
Estremecendo as bochechas rosadas
O aceno dos caracóis te pedindo a mordida no cangote
Ao bravo bamboleio da bundinha
Até as pedras batem palmas
Sei que não devo
Muito magro uma tosse feia
Assim não adianta o xarope de agrião
É tarde estou perdido
Todas elas de joelho e mão posta
Para que eu me sirva
O relampo do sol no olho
Ao rufar dos tambores
No duplo salto-mortal reviro pelo avesso
Sem tirar o pé do chão
Veja o peitinho manso de pomba
Dois gatinhos brancos bebendo leite no pires
Chego mais perto quem não quer nada
O que é prender na mão um pintassilgo?
Sou fraco Senhor
O biquinho do pintassilgo te pinica a palma
E sacode da nuca ao terceiro dedinho do pé esquerdo
Derretido de gozo
Uma cosquinha no céu da boca

Prestes a uivar
Estendo a mão agarro uma duas três
Já faço em Curitiba um carnaval de sangue
Ai de mim
Quem me acode
O soluço do pobre vampiro quem escuta?

MINHA VIDA MEU AMOR

Olha minha vida meu amor
Há muito não és mais meu
Toda a loucura que fiz
Foi por você
Que nunca me deu valor
Por isso perdeu tua mulher
E teus filhos
Não posso com esta cruz
Acho muito pesada João
Você vem me desgostando
A ponto de me pôr no hospício
Uma vez consegui
Mas duas não
Aqui ô babaca
De tuas negras
Que nem os filhos se interessou

De batizar na igreja
Você só vai no bar do Luís
Outro boteco não achou
Mais perto da tua família?
Só me operei que você obrigou
Agora não presto
Já não sirvo na cama?
Quis fazer de mim
A última mulher da rua
Mas não deixei
Por tua causa João
Eu morro pelada
Abraçada com os dois anjinhos
No fundo do poço
Amor desculpe algum erro
E a falta de vírgula

luas-de-mel

NO MAIS, mesmo, da mesmice, sempre vem a novidade. Naquela véspera, eu andava meio relaxo, fraco; eu já declinava para nãoezas? Nos primeiros de novembro. Sou quase de paz, o quanto posso. Desconto, para trás, o em que me tive, da mocidade: desmandos, desordens e despraças. Daí, depois, da vida a sério, que, cá, de brava, danava-se. Sou remediado lavrador, isto é—de pobre não me sujo, de rico não me emporcalho. Defesa e acautelamento é que não falecem, nesta fazenda Santa-Cruz-da-Onça, de hospitalidades; minha. Aqui é um recanto. Por moleza do calor era que eu ficava a observar. Nesse dia, nada vêzes nada. De enfatiado e sem-graça, é que eu comia demais. Do almoço, empós, me remitia, em rêde, em quarto. Questão de idade, digestões e saúde: fígado. Sa-Maria Andreza, minha santa e meio passada mulher, ia ferver um chá, já, para o meu empacho. Bom. Seo Fifino, meu filho, banda de fora da porta, noticiou: que tendo chegado certo sujeito, um positivo, com carta. Tomei pausa. Prestezas e pressas não me agravavam.

Seo Fifino, filho meu, lórpa nem sonsado não sendo, me explicando êle estava: que êsse-um aportara tão em socapa, que só se notou quando já estacado, a cavalo, atrás do engenho, nem os cachorros tendo latido, nem feito êle ranger porteira; e que com armas, todo provido, repetição a tiracolo. E, aí, meu capataz, José Satisfeito, soprado informava o nome dêle, o qual—o “Baldualdo”. Sou mosquitinho em queixo de onça: não fiz celhas, não dei pasmo. Sabia da fama dêsse Baldualdo—que valendo um batalhão, com grande e morta freguesia. Por ora, que bem me importava? Donde digo: o meu José Satisfeito, próprio, sido já também um “Zé Sipió”, mão no amarelo; para que se me entenda. Nas eras dos tiroteios contra o Major Lidelfonso e seus soldados. Comigo. Eu com êle, e outros. Só a vida é que tem dessas rústicas variedades. Eu ponho a mesa e pago a despesa. Me mexi da rêde, vim ver

quem. Aquêlé homem, que chegado. Me olhou, prestes, medido o respeito, reperguntou meu nome por inteiro. A carta, que êle trazia, para me em mãos, era de vera e alta mensagem. Reli, as três e três vêzes, o nome que essa assinava: Seo Seotaziano.

E—quero-me com estal É o que soleteiro: “Estimado meu amigo e compadre...” Seo Seotaziano, de sua sede distante, os fatos de marca manobrando, com estopim curto e o comprido braço. O chefe demais, homem de grande esfera, tigroso leão feito o canguçu, mas justo e pão de bom, em nobrezas e formato. Meu compadre-mor, mandador, dêz que quando. E há que tempos isso fôra. Mas, agora, se lembrava dêste, aqui, neste ponto, confioso de lealdade. E com caso. Para despautas: o que decerto havia de haver—cachorro, gato e espalhafato. Mas, tenho de segundar, e quero. Se êle riscou, eu talho. Só os resumos, declarados: “Para um môço e uma môça, lhe peço forte resguardo. O mais se verá, mais tarde.” Essas doidices de amor!—sorri. Saí dos suspensos para os preparos.

No quieto, do que se precisava. Temperar o vir de outras coisas, acomodar os hóspedes, que esperados. Pondo ordens, consoante. Prevenido para valer por quatro. Aquêlé dia era de sábado. Sobre-entendi, com o José Satisfeito, e com o Seo Fifino, meu filho: vai, que, do retiro do Meio, me trouxessem: certos homens; e, dois tantos dêsses, do Munho, das roças; sempre ainda restassem outros, no hoje por hoje, para o trabalho. Aquêles, porém, aqui à mão; pois, que: a horas competentes, homens de possibilidades. Tendo-se arroz e feijão à-bastança, e cargas de pólvora, chumbo e bala. Sensato, se me se diz. Só em paz, com Deus, sossegado. Sensato, sincero e honrado.

Sa-Maria Andreza, minha mulher, me mirava.

Aquêlé Baldualdo, decente:—“Se lhe respraz, meu senhor, por uns dias, aqui, paro...”—só me disse, baixo, sabendo de cor seu mister. Êle já meu companheiro sendo—por artes dos anjos-da-guarda. Na varanda, caminhei, uns passos, exercitados. Os que por vir, môço e môça? Sa-Maria Andreza, minha correta mulher, os um ou dois quartos arrumasse—toalhas, bem-estar, flôres em vasos. Seguro que de noite chegavam, sagazes.—“Ah, minha velha,

vamos tocar rabecas...”—gracejei, limpando a parábélum. Sa-Maria Andreza, boa companheira, só disse, abanando os toques: —“Aroeira de mato virgem não alisa...” Peguei na mão dela, meio afetuoso. Repensei em tôdas as minhas armas. Ai, ai, a longe mocidade.

Sem ninguém de nós desprevenidos, de fato em meia-noite chegaram. Noivos, amor muito. Ela, era das lindas, suspendendo as atenções; nem eu soube filha de que pai. Só meio assombradazinha, sorrisos desabafados. O môço—rapazi—dos bons. Vi, com ôlho imediato. Tinha um rifle longo. Tinha o garbo guapo. Não, inda não eram casal. Cearam. Nada falaram. A môça se recolheu em camarinha, no intemerato da casa; de donzela, com recato. O môço, êsse, valeroso, quis se arranchar na casa-do-engenho. Môço esporte de forte. Apreciei. Pude me dar foros de seu pai. Ah, êles tinham viajado vindo sòzinhos, como se deve-de, em fugas particulares. Gostei, mais. Após, hora menos hora, foi que outro cabra chegou, que, a êles dois, em boa distância, afiançara proteção, sem êles saberem—a mando também de Seo Seotaziano.

As coisas bem feitas, medidas, como só um grão-capitão concebe. Êsse outro se chamava o Bibião, era um brabo de cronha e cano: me tomou a benção. Bom. Tudo em tudo, em ordem, adormeci, consoante, proprietário de meu sono. Como não? Gente minha já galopava, nessa noite e madrugada. Um próprio à Fazenda Congonha, do meu compadre Veríssimo, por três rifles, três homens, emprestados. Pelo seguro. Povo de lá é de brasas. E um à Lagoa-dos-Cavalos, por outros três—para o meu compadre Serejério não se dar de melindrado. Bom. Eu tiro os outros por mim. Com tino e consideração, é que o respeito é granjeado: com honra, sossêgo e proveito. De encaminhar, me adormeci bem. Só vivo no supracitado.

Amanheci antes do sol, tudo em paz, posses e orvalhos. Admiro essas certezas, do campo, em cheiros, enfeitado; enquanto nada. Sa-Maria Andreza, minha mulher, me cuidava. A ela eu disse: —“Não me conste quem é esta môça, nem o que tenha revelado.” Não no por ora. Eu não queria saber, que senão pelo precatar: podendo ser filha de conhecido, parente meu ou amigo. Nem

adiantava. Nessa hora, sendo fiel, eu era Seo Seotaziano. Nem pelo menos. Herói é no que doi!—bom ditado. Aquêlé dia, de domingo. Almoçou-se, com-fome-mente, apesardes. A Môça e o Môço, mesmo ante mim, ditosos se contemplavam. Tanta coisa neste mundo, bem feita. Sa-Maria Andreza, minha conservada mulher, em cozinhar-se esmerava. Se me se diz, nem pensei: os namoros dessas gentes, são minhas outras mocidades.

A gente se mexendo, tranqüilos, o tempo crescendo, parado. Do jeito, passou-se êsse dia, em ouros e copas; enquanto nada. A linda Môça, lá dentro, no oratório rezava. Sa-Maria Andreza, mulher, sinceros carinhos lhe dava. Nós, cá fora. Seo Fifino meu filho desta banda, o Bibião na parte do morro, na ponte do córrego o Baldualdo; com outros e outros homens; mas, de esconso, tão em sutilmentes, que não se avistavam nem notavam. Comigo, juntos, o José Satisfeito, e o Môço noivo, de poucas palavras: andávamos da cava para o valo. Sa-Maria Andreza, minha, por mim também rezasse? Eu—exagerado. Provia, não meditava. Dia e tanto. Deus louvado. Então, veio o anoitecer, as estrêlas, às esperadas. Ai, uns pós outros, chegavam, de surtos, os da Fazenda Congonha, e os da Lagoa-dos-Cavalos. Êsses, não riam, em armas. Ah, as boas amizades.

Assim mais gente, outra vez, acordou-se antes dos galos. Ali, para a incerta segunda-feira—meio redonda. Dia dos fortes chegares. Primeiro, mais uns dois homens, que Seo Seotaziano enviava. Chefe bravo. Daí, conforme dado aviso, ainda outros, um par de cavaleiros: o sacristão atrás do padre. Ave. O padre, môço, espingarda às costas? Armado de ponto em branco; rifle curto. Se apeou, tudo abençoou, aprestado para o casamentício, que se ia ter: bôdas em casa. Tive de fazer ação de me aprontar, botei minha roupa melhor—pelos momentos. Sa-Maria Andreza, minha mulher, com gôsto dispôs o altar. Môço e Môça impavam. Amor é só amor. Airosos. Iam os dois, braço pelo braço. Vejam como são as paixões! Tudo bom, bem bom. Minha Sa-Maria Andreza bem vestida, figuro também que até corada. Sou homem para bandas-de-músicas. O padre disse belas palavras. A essa altura eu já soubesse: a noiva, de que família. Filha do Major João Dioluas-de-mel 109

...Essas coisas são trizas... Bom. Dei de ombros. Fecho um campo, e nêle eu sopro: destorcidas claridades. Terminada a casação, se saiu do altar para a mesa, passou-se de sala para sala.

Aí, foi o simples banquete, que com tudo e leitão e peru, farofas, pelo costume geral; vinhos. Comeu-se, nós todos e o padre; eu sem fastio nem empachado. Os doces. Cantou-se um coreto. O noivo, de armas na cinta. A noiva uma formosura, conforme com véu e grinalda. A velhice da lâ é a sujeira...—eu pensei, consoante, me vendo. Essas delícias de amor!—suspirei, mal em pensando. Eu descia dos vales para os montes. E, inda havendo a cerimônia, meu irmão João Norberto chegando, de longe, de sua fazenda As-Arapongas. Sabida lá a notícia, para me ajudar êle chegava. Trazia maior novidade:—“Se o Major atacasse com jagunços, Seo Seotaziano vinha descer em cena—à frente de cem de seus homens: dar a retaguarda!” De glórias, assoviei, sentado. Aquêlê Môço noivo, gentil, era parente de Seo Seotaziano. Uns de meus cabras tocavam violas. Se dançava?

Olhei minha sadia Sa-Maria Andreza—contemplada.

E essa noite, das maiores! Vieram meus compadres Serejério e Veríssimo, em pessoas. Troço de gente, para levar ao cabo empêras dificultosas. Até o padre disse que ficava: para confessar a quem ou quem, na hora. Só que, na mesa, o livro de rezas, mas, a pistola, do lado. Bom padre, muito virtuoso, amigo de Seo Seotaziano. Agora, a gente esperava o Major Dioclécio e sua jagunçada.—“Ora, tão certo!”—se dizia.—“Essas coisas, quero ver é de noite!”—outro. Outro:—“E quem é que apaga a vela?” Aí, por tôda a parte, se me se diz, patrulhas, trincheiras, sentinelas. Passos calados, suaves, tinidos de carabinas. Ah, esta velha fazenda Santa-Cruz-da-Onça, com espinhos para qualquer beijo e goela. Ponto é que, eu, era o chefe. Eu já estava meio sanguinolento: meio arvoado. Eu, com nudezas. Eu—em nome meu e de Seo Seotaziano.

A gente tendo de saroar. Na sala. Nestes bancos e cadeiras. Aquêles lampiões e lamparinas. Todos, os de mando. Que eu, meu irmão João Norberto, compadres Veríssimo e Serejério, e o Nôivo, mais Seo Fifino. Também a Nôiva, em seu vestido branco, e Sa-

110 *João Guimarães Rosa*

-Maria Andreza, mulher minha. Todos e tôdas. A furupa de homens bons. Que, perto de mim, meu Zé Sipió. E a ceia—o entêrro-dos-ossos—com alegria. Homem comendo em pé, o prato na mão; alerta o ouvido. A gente, risinhos de guerra, a qualquer conta. Aqui, o inimigo que viesse!—êsses Dioclécios, dianhos. A hora—de fechar os fôlegos. Aqui, a gente esperava—com luz para mil mari-pôsas. E: manda o tri-o-li-olá...—se me se diz—pique-será! Ninguém viesse? Ao ao-que-é-que-é, estávamos.

A gente, a um passo da morte, valentes, juntos, tantos, bastantes. Ninguém vinha. A Nôiva sorria para o Nôivo, em fôfos; essas núpcias. E eu com a mente erradamente, de quem se acha em estado de armado. Com o que outro míngua, eu me sobejo. Minha Sa-Maria Andreza, mulher, me sorria. O que os velhos não podem mais ter: segredinhos, segredados. Ninguém vinha. Madrugar, e galos cantavam. O padre rezou, guerreiro, em destemido prazer das armas. Senti o remerecer, como era de primeiro, nesse venturoso dia. Recebi mais natureza—fonte sêca brota de novo—o rebôto, rebrotado. Sa-Maria minha Andreza me mirou com um amor, ela estava bela, remoçada. Nessa noite ninguém vinha? Enquanto nada! Madrugada. O Nôivo se retirou, com a Nôiva; e mais uns, que com mais sono, já estando soprando nas palhas. Resolvemos revezar vigias. Eu, feliz, olhei minha Sa-Maria Andreza; fogo de amor, verbigrácia. Mão na mão, eu lhe dizendo—na outra o rifle empunhado:—“Vamos dormir abraçados...” As coisas que estão para a aurora, são antes à noite confiadas. Bom. Adormecemos.

Amanheci fora de horas, me nascendô dos conchegos. A postos, todos. Aquêlê dia, a têrça-feira. Era o dia? A gente esperava. Meio cuidadosos, meio alegres; sérios, sem algazarra. Com que então? Nessas calmas esticadas. E, pois.

E, vai, senão, que, surgiu a nova: um recado. O camarada, vindo com êle, era um serviçal dos Dioclécios: que, hoje, sôzinho, nesta data, um patrão vinha me visitar, de passagem. Amistoso. E, vira-me esta! E—com quê? Me reuni, mais os chefes companheiros, para comparar as idéias, consoante. A gente chegou à razão: que êles, mais o grosso dos homens e rifles, deviam sair, por um es-

luas-de-mel 111

paço—esperar as coisas no retiro do Meio, daí a meia-légua e nada. Meu irmão João, meus dois compadres, mais o sacristão atrás do padre. Deixar, provisório, sem povo em armas, a minha casa-de-fazenda. Assim, assim, então. Bom. Para não fazer acintes, do que muito me refreio. Pois o homem não vinha sózinho, embaixador, só para a mim me dizer hem-hem? Ameaçar, se queixar, assustar, declarar guerras? Vá o que pois fôr. Minha porta é para o nascente. Não vejo outra banda. Sou um homem muito leal. Sou o que sou—eu—Joaquim Norberto. Sou o amigo de Seo Seotaziano.

Aqui recebi o homem, nesta porta do que é meu. E êle era um irmão da Nôiva. Conhecido meu, cordial, com o bom apêto-de-mão. Entrou-se. Sentou-se. Severo, sereno, eu estava; sensato, êle, com desempenho. Não vinha embater escândalos, nem produzir inglesias; parecia portar-se em têrmos. Se à boa mente se conduzisse o negócio? Meu dever e gôsto sendo reconciliar, recatar e recompor, como homem-de-bem e chefe-em-armas. Agora, era a desenrolação, do de cá e de lá, de ambas as partes. Me clareei. Convidei o homem para almoçar. E, aí, defini: com meios-modos e trastejos, não se bota e nem se saca. Chamei os Nôivos, para a mesa!

Gente têsã—um par de tôda a coragem. Vieram. O homem sorriu, meu visitante. Deu a mão a ela e a êle, disse: —“Com’passou? Com’passou?”—em leal estima e franquia. Bom. Comeu-se e conversou-se em diversas matérias. Bom. Aquilo, ao correr do cabelo. Suavemente, com incompletas, êle convidou os dois, para irem com êle: para a benção dos pais e uma festa, que se dava, de tornabôda. Tudo não estava certo e aprovado? Sabendo êle do casamento. Me convidou também, eu mais Sa-Maria querida Andreza. Bom, consoante. Eu, convenientemente, não podendo, pelos fatos. Mas mandei meu filho Seo Fifino, representante; e êle quis, por amor da festa, decidido.

Porque os Nôivos aceitaram de ir, satisfatórios, me agradecendo se despediram. E eu, respondendo pelo direito: —“Só emendo: abaixo de Deus, só o Seo Seotaziano!”—disse. O homem, ficado em pé, para sair. E, a êle, direto, pelo seguro, na regra do bem-viver: —“Sou o padrinho dêles dois, no casório, e vou ser o

padrinho do primeiro filho dêles, se lhes resprazi!”—trovejei que disse, fingindo franco riso. Sempre era bom. E êle não ia me entender? Pouquinha dúvida. Esta vida tem de ser declarada e assinada. O mais, no mais, senão as carabinas!

Da varanda, Sa-Maria Andreza, e eu, nós, a gente contemplava: os cavaleiros, na congracez, em boa ida. Tudo tão terminado, de repente, se me se diz, tudo quitado. Nem guerra, nem mais luas-de-méis, regalo não regalado!

Olhei minha Sa-Maria Andreza, que me olhava. Ai-de. Enquanto nada.

Lá se foram o Baldualdo e o Bibião, também, consoantes. Seo Seotaziano estando servido, e meus deveres concordados. Meu capataz, o José Satisfeito, meio mole fechava a porteira. Aquelas luas-de-mel, tão poucas, assim em assôpro de gaita. As passageiras consolações: fazer-de-conta-de-amor, o que era o meu cestinho de carregar água. A gente, agora: sair das desilusões, o entrar em idade. Mas, Seo Fifino, meu filho, um dia devia de roubar uma môça assim—em armas! Sorri, eu, Joaquim Norberto, respeitante. Abracei minha Sa-Maria Andreza, a gente com os olhos desnublados. Se me se diz? E então. Aqui nesta fazenda Santa-Cruz-da-Onça; aqui é um recato. Ah, bom; e semelhante fato foi.

O BOI VELHO

Cuê-pucha! . . . é bicho mau, o homem!

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga si não é mesmo! . . . Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer. . . como unheiro em lombo de matungo
5 de mulher.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma
10 volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o peráu era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

Já vê. . . o banheiro não era longe; podia-se bem ir lá, de a pé, mas a
15 família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.
20

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzinha, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criança pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as tolhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava
25 pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajudasse.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes,
30 um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando si havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, salam a correr e a gritar, numa alqazarra de festa para os bichos.

35 – Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oóch! . . . ôch! . . .

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beizola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

40 Pois veja vancê. . . Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como

para os dois veiros levarem ao banho do arroio, no carretão.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

5 Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho – uê! tinha caraca grossa nas aspás! – o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

10 – Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!...

Quando Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro ruim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

15 Bichos malditos, estes encarvoados!...
Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o
20 carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso, também...

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.
Foi um alvoroço na miuçalha.

– Olha o Cabiúna! o Cabiúna! Oôch! Cabiúna! oôch!...
E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e
25 que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

– Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...
Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspás, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo dalguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

30 E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. À mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansado sobre o muchacho.

40 O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada esportiva do sangue do coração...

Houve um silenzozito em toda aquela gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe si entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregação de picana, mal dado, por

borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando, o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido, no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

Os cuscos pegaram a lamber o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para
10 carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e metendo-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

– Tome, tabiúna! Nó té... Não fá bila, tabiúna!...

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os
15 diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!...

– Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velhol...

20 Cuê-pucha!... é mesmo bicho mau, o homem!

Corisco

LUÍZ VILELA

Se não fosse Mamãe eu nunca teria Corisco, pois Papai não gostava de cachorro de espécie alguma porque, dizia ele, cachorro é bicho velhaco, só serve pra dar amolação e pra comer a comida da gente, e enquanto ele fosse dono da fazenda ali nunca haveria de entrar cachorro e se entrasse um ele pegava a espingarda e sapecava fogo sem um tiquinho de dó, por isso quando ele veio descendo o pasto de tardinha eu fiquei com medo, Mamãe escondeu Corisco que era pequeno no cesto de roupa suja e disse pra mim você não fala nada, deixa que eu falo, e eu fui esconder detrás da porta da despensa.

Papai entrou batendo os pés como sempre fazia, para sacudir a poeira das botas, pendurou o chapéu na parede, depois deu um tapinha nas costas de Mamãe falando com voz grossa é filha o serviço hoje esteve puxado, e batia a mão na barriga espiando as panelas de comida enquanto contava casos de boís acontecidos lá no retiro, e então parece que ele reparou no silêncio de Mamãe e falou um pouco mais alto, mas daquele jeito que não era bravo, quê que houve filha, você não fala nada, engoliu a língua? Aí Mamãe soprou o fogão, pingou caldinho de sopa na mão provando o tempero, e sem olhar para trás, para Papai, disse que meu aniversário estava perto e pensava em me dar um presente, quê que ele achava da idéia, e Papai sacudindo a cabeça disse que também pensara nisso mas não tinha idéia do presente, isso era melhor ela escolher, mulher é que entende dessas coisas, então Mamãe disse que já tinha escolhido, era uma coisa que eu sempre desejara e ia ficar contentíssimo de ganhar, vamos ver se você adivinha quê que é, mas quando ela falou assim Corisco deu uma choradinha no cesto, ela baixou a cabeça, Papai fechou a cara e sem dizer nada saiu para o terreiro. Eu saí detrás da porta de onde vira tudo e Mamãe me passando a mão na cabeça disse seu pai é duro e engo. u fazendo barulho e virou para soprar o fogão outra vez.

No outro dia ela me disse que tinha dado um jeito e que Corisco não ia embora, mas eu não falasse nada com Papai e eu não falei e três dias depois no meu aniversário ele me deu um abraço apertado e um canivete de cabo de osso dizendo toma um presentinho de seu pai, e não falou nada sobre Corisco.

Corisco não foi mesmo embora e com sete meses já estava grande e bonito, o pêlo pretinho de alumiar e as patas brancas, e era engraçado, parecia que ele tinha medo de sair pra longe porque ficava o tempo todo em frente ao alpendre espichado com a cabeça entre as patas e as orelhas arrastando no chão, dormindo ou espiando com preguiça os currais, não levantando para nada, nem mesmo quando Papai voltava de tardinha do serviço e em vez de tocar ele dali passava por cima, nem olhando, como se Corisco não existisse, pois era assim, parecia que Corisco não existia para ele, nunca falava nele, nem mesmo quando Corisco pegou aquela mania de acompanhar ele ao retiro.

Toda tarde, quando os pássaros-pretos começavam a cantar no arrozal e ia escurecendo do lado da serra, eu trepava na porteira e espichando a vista até onde podia ficava esperando Corisco com medo de Papai ter feito alguma coisa com ele e quase pulava de alegria quando via ele aparecendo atrás da poeirinha que o cavalo de Papai fazia. Ele sempre vinha atrás mas na hora de abrir a porteira passava na frente, passava por baixo e ia para o alpendre ficando deitado na porta resfolegando com a língua comprida e vermelha de fora, só depois é que ia pra varanda beber água.

Uma vez ele voltou mais cedo e sozinho e em vez de ir para o alpendre foi descendo o terreiro com a cabeça baixa e o rabo entre as pernas. Eu estranhei e falei com Mamãe e nós fomos ver o que era e encontramos ele lá no paiol enrolado num canto, o olhar triste. Passei a mão na cabeça dele mas ele não abanou o rabo, nem ligou, e Mamãe falou é capaz de ser doença. No jantar não falamos nada sobre o assunto mas de noite fiquei com dó dele e chamei Mamãe para ir lá de novo. Papai estava sentado no alpendre fazendo um cigarro e quando viu nós dois não falou nada mas ficou olhando para Mamãe, depois continuou a picar o fumo. Corisco estava do mesmo jeitinho, enroscado feito cobra, sem ligar pra gente. Ele não está nada bom, Mamãe falou e eu comecei a chorar e ela falou não chora não, vou falar com seu pai para comprar remédio.

Ele ainda estava no alpendre fazendo o cigarro, e ao ver Mamãe embolou tudo e jogou fora e perguntou com voz seca o que era e ela falou que era o Corisco, estava doente e precisava de remédio, então ele falou que não tinha nada a ver com isso e eu corri para ele chorando e pedindo pra ele deixar de ser ruim e ter dó de Corisco e ele falou era só o que faltava, chorar por causa dum bicho, e então eu fui chorar no quarto.

Na manhã do outro dia Sô Tuti chegou do retiro com um embrulhinho dizendo que Papai é que tinha mandado. Mamãe abriu e era remédio para o Corisco. Nós demos mas não adiantou nada, ele continuava triste e tinha começado a vomitar uma baba amarela e de tarde ouvi Mamãe falando com Papai, que voltara do serviço mais cedo porque estava com dor de cabeça, que pelo jeito o cachorro não escapava.

Foi de tardezinha que Corisco morreu. Começou a torcer o pescoço e a gemer, depois quietou e eu chamei baixinho Corisco, Corisco, mas os olhos dele só olhavam para a frente e parecia que ele não estava escutando mais. E então esticou as pernas e abriu a boca que foi fechando devagar e uma baba escorreu dela. Coitado, Mamãe falou e eu não conseguí segurar o choro.

No jantar ela falou o Corisco morreu, e Papai tomando uma colherada de sopa falou sei e limpou a boca e não falou mais uma palavra, e Mamãe vendo que ele não queria comer mais perguntou o que era e ele falou que era aquela dorzinha de cabeça aborrecida.

Tudo voltou a ser como antes, eu brincando com os meninos da fazenda, Mamãe cozinhando, Papai trabalhando, e era como se Corisco nunca tivesse existido pois ninguém falou mais nele, só uma vez, uma noite em que havia desaparecido mais uma galinha e então Mamãe falou que se Corisco ainda estivesse vivo aquilo não teria acontecido, e então Papai levantando de repente falou que nada, que cachorro era um bicho velhaco que só servia pra dar amolação e pra comer a comida da gente, ela não falasse naquilo, não queria saber mais daquela praga na fazenda, e foi até a janela e ficou olhando o céu estrelado, e então Mamãe me cutucou a perna e eu olhei para ele e vi ele enxugando uma lágrima.

A balada do falso Messias

Moacyr Scliar

Vai pôr vinho no copo. Suas mãos agora estão enrugadas e tremem. Mas ainda me impressionam, essas mãos grandes e fortes. Comparo-as com as minhas, de dedos curtos e grossos, e admito que nunca o compreendi e nunca chegarei a compreendê-lo.

Encontrei-o pela primeira vez a bordo do *Zemlia*. Nesse velho navio, nós, judeus, estávamos deixando a Rússia; tínhamos os pogroms. Acenávamos com a promessa da América e para lá viajávamos, comprimidos na terceira classe. Chorávamos e vomitávamos, naquele ano de 1906.

Eles já estavam no navio, quando embarcamos. Shabtai Zvi e Natan de Gaza. Nós os evitávamos. Sabíamos que eram judeus, mas nós, da Rússia, somos desconfiados. Não gostamos de quem é ainda mais oriental do que nós. E Shabtai Zvi era de Esmirna, na Ásia Menor — o que se notava por sua pele morena e seus olhos escuros. O capitão nos contou que ele era de uma família muito rica. De fato, ele e Natan de Gaza ocupavam o único camarote decente do barco. Então, por que iam para a América? Por que fugiam? Perguntas sem resposta.

Natan de Gaza, um homem pequeno e trigueiro, despertava-nos particularmente a curiosidade. Nunca tínhamos visto um judeu da Palestina de Eretz Israel — uma terra que para muitos de nós só existia em sonhos. Natan, um orador eloquente, falava para um público atento sobre as suaves colinas da Galiléia, o belo lago Kineret, a histórica cidade de Gaza, onde ele nascera, e cujas portas Sansão tinha arrancado. Bêbado, porém, amaldiçoava

a terra natal: “Pedras e areia, camelos, árabes ladrões...”. Ao largo das ilhas Canárias, Shabtai Zvi surpreendeu-o maldizendo Eretz Israel. Surrou-o até deixá-lo caído no chão, sangrando; quando Natan ousou protestar, demoliu-o com um último pontapé.

Depois disso passou dias trancado no camarote, sem falar com ninguém. Passando por ali ouvíamos gemidos... e suspiros... e suaves canções.

Uma madrugada acordamos com os gritos dos marinheiros. Corremos ao convés e lá estava Shabtai Zvi nadando no mar gélido. Baixaram um escaler e a custo conseguiram tirá-lo da água. Estava completamente nu e assim passou por nós, de cabeça erguida, sem nos olhar — e foi se fechar no camarote. Natan de Gaza disse que o banho fora uma penitência, mas nossa conclusão foi diferente: “É louco, o turco”.

Chegamos à ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e de lá viajamos para Erexim, de onde fomos levados em carroções para os nossos novos lares, na colônia denominada Barão Franck, em homenagem ao filantropo austríaco que patrocinara nossa vinda. Éramos muito gratos a este homem que, aliás, nunca chegamos a conhecer. Alguns diziam que nas terras em que estávamos sendo instalados mais tarde passaria uma ferrovia, cujas ações o barão tinha interesse em valorizar. Não acredito. Acho que era um bom homem, nada mais. Deu a cada família um lote de terra, uma casa de madeira, instrumentos agrícolas, animais.

Shabtai Zvi e Natan de Gaza continuavam conosco. Receberam uma casa, embora ao representante do barão não agradasse a idéia de ver os dois juntos sob o mesmo teto.

— Precisamos de famílias — disse incisivamente — e não de gente esquisit .

Shabtai Zvi olhou-o. Era tal a força daquele olhar que ficamos paralisados.

O agente do barão estremeceu, despediu-se de nós e partiu apressadamente. Lançamo-nos ao trabalho.

Como era dura a vida rural! A derrubada de árvores. A lavra. A semeadura... Nossas mãos se enchiam de calos de sangue.

Durante meses não vimos Shabtai Zvi. Estava trancado em casa. Aparentemente o dinheiro tinha acabado, porque Natan de Gaza perambulava pela vila, pedindo roupas e comida. Anunciava para breve o ressurgimento de Shabtai Zvi trazendo boas novas para toda a população.

— Mas o que é que ele está fazendo? — perguntávamos.

O que estava fazendo? Estudava. Estudava a *Cabala*, a obra-prima do misticismo judaico: o Livro da Criação, o Livro do Brilho, o Livro do

Esplendor. O ocultismo. A metempsicose. A demonologia. O poder dos nomes (os nomes podem esconjurar demônios; quem conhece o poder dos nomes pode andar sobre a água sem molhar os pés; e isso sem falar da força do nome secreto, inefável e impronunciável de Deus). A ciência misteriosa das letras e dos números (as letras são números e os números são letras; os números têm poderes mágicos; quanto às letras, são os degraus da sabedoria).

É então que surge em Barão Franck o bandido Chico Diabo. Vem da fronteira com seus ferozes sequazes. Fugindo dos "Abas Largas", esconde-se perto da colônia. E rouba, e destrói, e debocha. Rindo, mata nossos touros, arranca-lhes os testículos, e come-os, levemente tostados. E ameaça matar-nos a todos se o denunciarmos às autoridades. Como se não bastasse esse infortúnio, cai uma chuva de granizo que arrasa as plantações de trigo.

Estamos imersos no mais profundo desespero quando Shabtai Zvi reaparece.

Está transfigurado. O jejum devastou-lhe o corpo robusto, os ombros estão caídos. A barba agora, estranhamente grisalha, chega à metade do peito. A santidade envolve-o, brilha em seu olhar.

Caminha lentamente até o fim da rua principal... Nós largamos nossas ferramentas, nós saímos de nossas casas, nós o seguimos. De pé sobre um montículo de terra, Shabtai Zvi nos fala.

— Castigo divino cai sobre vós!

Referia-se a Chico Diabo e ao granizo. Tínhamos atraído a ira de Deus. E o que poderíamos fazer para expiar nossos pecados?

— Devemos abandonar tudo: as casas; as lavouras; a escola; a sinagoga; construiremos, nós mesmos, um navio — o casco com a madeira de nossas casas, as velas com os nossos xales de oração. Atravessaremos o mar. Chegaremos à Palestina, a Eretz Israel; e lá, na santa e antiga cidade de Sfat, construiremos um grande templo.

— E aguardaremos lá a chegada do Messias? — perguntou alguém com voz trêmula.

— O Messias já chegou! — gritou Natan de Gaza. — O Messias está aqui! O Messias é o nosso Shabtai Zvi!

Shabtai Zvi abriu o manto em que se enrolava. Recuamos, horrorizados. Víamos um corpo nu, coberto de cicatrizes; no ventre, um cinturão ericado de pregos, cujas pontas enterravam-se na carne.

Desde aquele dia não trabalhamos mais. O granizo que destruísse as plantações. Chico Diabo que roubasse os animais, porque nós fomos embora. Derrubávamos as casas, jubilosos. As mulheres costuravam panos para fazer as velas do barco. As crianças colhiam frutas silvestres para fazer conservas.

Natan de Gaza recolhia dinheiro para, segundo dizia, subornar os potentados turcos que dominavam a Terra Santa.

— O que está acontecendo com os judeus? — perguntavam-se os colonos da região. Tão intrigados estavam que pediram ao padre Batistella para investigar. O padre veio ver-nos; sabia de nossas dificuldades, estava disposto a nos ajudar.

— Não precisamos, padre — respondemos com toda a sinceridade. — Nosso Messias chegou; ele nos libertará, nos fará felizes.

— O Messias? — o padre estava assombrado. — O Messias já passou pela terra. Foi Nosso Senhor Jesus Cristo, que transformou a água em vinho e morreu na cruz por nossos pecados.

— Cala-te, padre! — gritou Sarita. — O Messias é Shabtai Zvi!

Sarita, filha adotiva do gordo Leib Rubin, perdera os pais num pogrom. Ficara então com a menteabalada. Seguiu Shabtai Zvi por toda a parte, convencida de que era a esposa reservada para o Ungido do Senhor. E para surpresa nossa Shabtai Zvi aceitou-a: casaram-se no dia em que terminamos o casco do barco. Quanto à embarcação, ficou muito boa; pretendíamos levá-la ao mar, como Bento Gonçalves transportara seu navio, sobre uma grande carreta puxada por bois.

Estes já eram poucos. Chico Diabo aparecia agora todas as semanas, roubando duas ou três cabeças de cada vez. Alguns falavam em enfrentar os bandidos. Shabtai Zvi não aprovava a idéia. "Nosso reino está além do mar. E Deus vela por nós. Ele providenciará."

De fato: Chico Diabo desapareceu. Durante duas semanas trabalhamos em paz, ultimando os preparativos para a partida. Então, num sábado pela manhã, um cavaleiro entrou a galope na vila. Era Gumercindo, lugar-tenente de Chico Diabo.

— Chico Diabo está doente! — gritou, sem descer do cavalo. — Está muito mal. O doutor não acerta com o tratamento. Chico Diabo me mandou levar o santo de vocês para curar ele.

Nós o rodeávamos em silêncio.

— E se ele não quiser ir — continuou Gumercindo — é para nós queimar a vila toda. Ouviram?

— Eu vou — bradou uma voz forte.

Era Shabtai Zvi. Abrimos caminho para ele. Aproximou-se lentamente, encarando o bandoleiro.

— Apeia.

Gumercindo desceu do cavalo. Shabtai Zvi montou.

— Vai na frente, correndo.

Foram os três: primeiro Gumercindo, correndo; depois Shabtai Zvi a cavalo; e fechando o cortejo, Natan de Gaza montado num jumento. Sarita também quis ir mas Leib Rubin não deixou.

Ficamos reunidos na escola todo o dia. Não falávamos; nossa angústia era demasiada. Quando caiu a noite ouvimos o trote de um cavalo. Corremos para a porta. Era Natan de Gaza, esbaforido.

— Quando chegamos lá — contou — encontramos Chico Diabo deitado no chão. Perto dele, um curandeiro fazia mandingas. Shabtai Zvi sentou perto do bandido. Não disse nada, não fez nada, não tocou no homem — só ficou olhando. Chico Diabo levantou a cabeça, olhou para Shabtai Zvi, deu um grito e morreu. O curandeiro, eles mataram ali mesmo. De Shabtai Zvi nada sei. Vim aqui avisar: correi, fugi!

Metemo-nos nas carroças e fugimos para Erexim. Sarita teve de ir à força.

No dia seguinte, Leib Rubin nos reuniu.

— Não sei o que vocês estão pensando em fazer — disse — mas eu já estou cheio dessas histórias todas: Barão Franck, Palestina, Sfat... Eu vou é para Porto Alegre. Querem ir comigo?

— E Shabtai Zvi? — perguntou Natan de Gaza com voz trêmula (era remorso o que ele sentia?).

— Ele que vá para o diabo, aquele louco! — berrou Leib Rubin. — Só trouxe desgraças!

— Não fale assim, pai! — gritou Sarita. — Ele é o Messias.

— Que Messias, nada! Acaba com essa história, isso ainda vai provocar os anti-semitas. Não ouviste o que o padre disse? O Messias já veio, está bom? Transformou a água em vinho e outras coisas. E nós vamos embora. O teu marido, se ainda está vivo, e se ficou bom da cabeça, que venha atrás. Eu tenho obrigação de cuidar de ti, e vou cuidar de ti, com marido ou sem marido!

Viajamos para Porto Alegre. Judeus bondosos nos hospedaram. E para nossa surpresa, Shabtai Zvi apareceu uns dias depois. Trouxeram-no os "Abas Largas", que haviam prendido todo o bando de Chico Diabo.

Um dos soldados nos contou que haviam encontrado Shabtai Zvi sentado numa pedra, olhando para o corpo de Chico Diabo. Espalhados pelo chão — os bandidos, bêbados, roncando. Havia bois carneados por toda a parte. E vinho. "Nunca vi tanto vinho!" Tudo o que antes tinha água agora tinha vinho! Garrafas, cantis, baldes, bacias, barricas. As águas de um charco ali perto estavam vermelhas. Não sei se era sangue das reses ou vinho. Mas acho que era vinho.

Ajudado por um parente rico, Leib Rubin se estabeleceu com uma loja de fazendas. Depois passou para o ramo de imóveis e posteriormente abriu uma financeira, reunindo grande fortuna. Shabtai Zvi trabalhava numa de suas firmas, da qual eu também era empregado. Natan de Gaza envolveu-se em contrabando, teve de fugir e nunca mais foi visto.

Desde a morte de Sarita, Shabtai Zvi e eu costumamos nos encontrar num bar para tomar vinho. E ali ficamos toda a noite. Ele fala pouco e eu também; ele serve o vinho e bebemos em silêncio. Perto da meia-noite ele fecha os olhos, estende as mãos sobre o copo e murmura palavras em hebraico (ou em aramaico, ou em ladino). O vinho se transforma em água. O dono do bar acha que é apenas um truque. Quanto a mim, tenho minhas dívidas.

dência na mesa, o envelope de cima com a letra embaçada que nos persegue. Desta vez, no entanto, algo familiar se destaca dele e investe contra meus olhos, rápido inseto esvoaçante. Numa revelação, reconheço sua função secreta. Rasgo o envelope em alvoroço. "Um gesto em falso e eu os denuncio." Uma onda quente de amor envolve-me com docura. Somos iguais. Precisamos do peso do mundo. Minha irmã usa cartas anônimas. Já eu quero a árvore e a rua escura. É um grande salto no vazio, um salto sem retorno. Mas retornar para quê? Esta noite me casarei com ela sob a árvore. Esta noite sem falta.

Zap

Moacyr Scliar

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para outro — uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto — zap, mudo para outro. Não gosto de novo — zap, mudo de novo. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre, minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que — zap — mudo de canal. "Não me abandone, Mariana, não me abandone!" Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e — zap — um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um

roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido — situação pouco admissível para um roqueiro de verdade —, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência — e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e à qual não sabe responder. É então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? — mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina — refletores que se acendem? — e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento — zap — aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está — à exceção do pequeno relógio que usa no pulso — nua, completamente nua.

Days of wine and roses

(Dias de vinho e rosas)

Silviano Santiago

Tristeza não tem fim, felicidade sim

(Vinícius de Moraes, *Orfeu da Conceição*)

Você acorda durante a noite. Você não sabe onde se encontra. Que horas são? Não há razões para você viver onde está morando. Você se levanta da cama no escuro. Sente uma corrente fria de ar nas pernas descobertas. Ela sobe pelo corpo até a cabeça. A cabeça se confunde com os pés. Você caminha para a sala rolando em cima dela, como o menino saltimbanco do quadro de Picasso. Você se aproxima da poltrona que dá para a janela e de lá, sem acender a luz do abajur e já sentado, redescobre os próprios olhos, vendo a rua deserta e iluminada às quatro horas da manhã.

A poltrona é velha e pouco cômoda. Está encardida pelo uso. Ela não combina com você. Você não combina com ela. Muito grande, não há como escondê-la no armário embutido, onde você escondeu os vários quadros que estavam pendurados nas paredes. O apartamento de quarto e sala foi alugado com os móveis e os quadros. Falta o dedo, falta o gosto. Você fica ao lado dos móveis, dentro do apartamento. Você está vivendo no apartamento como se morasse num quarto de hotel. Você liga o aparelho de televisão. Você e os móveis se entreolham de perfil, como bandido e polícia

Feliz ano novo

Rubem Fonseca

Vi na televisão que as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon. Vi também que as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque.

Pereba, vou ter que esperar o dia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros.

Pereba entrou no banheiro e disse, que fedor.

Vai mijar noutra lugar, tô sem água.

Pereba saiu e foi mijar na escada.

Onde você afanou a TV?, Pereba perguntou.

Afanei porra nenhuma. Comprei. O recibo está bem em cima dela. Ô Pereba! você pensa que eu sou algum babaquara para ter coisa estarrada no meu cafofo?

Tô morrendo de fome, disse Pereba.

De manhã a gente enche a barriga com os despachos dos babalaôs, eu disse, só de sacanagem.

Não conte comigo, disse Pereba. Lembra do Crispim? Deu um bico numa macumba aqui na Borges de Medeiros, a perna ficou preta, cortaram no Miguel Couto e tá ele aí, fudidão, andando de muleta.

Pereba sempre foi supersticioso. Eu não. Tenho ginásio, sei ler, escrever e fazer raiz quadrada. Chuto a macumba que quiser.

Acendemos uns baseados e ficamos vendo a novela. Merda. Mudamos de canal, prum banguê-banguê. Outra bosta.

As madames granfas tão todas de roupa nova, vão entrar o ano novo dançando com os braços pro alto, já viu como as branqueias dançam? Levantam os braços pro alto, acho que é pra mostrar o sovaco, elas querem mesmo é mostrar a boceta mas não têm culhão e mostram o sovaco. Todas corneiam os maridos. Você sabia que a vida delas é dar a xoxota por aí?

Pena que não tão dando pra gente, disse Pereba. Ele falava devagar, gozador, cansado, doente.

Pereba, você não tem dentes, é vesgo, preto e pobre, você acha que as madames vão dar pra você? Ô Pereba, o máximo que você pode fazer é tocar uma punheta. Fecha os olhos e manda brasa.

Eu queria ser rico, sair da merda em que estava metido! Tanta gente rica e eu fudido.

Zequinha entrou na sala, viu Pereba tocando punheta e disse, que é isso Pereba?

Michou, michou, assim não é possível, disse Pereba.

Por que você não foi para o banheiro descascar sua bronha?, disse Zequinha.

No banheiro tá um fedor danado, disse Pereba.

Tô sem água.

As mulheres aqui do conjunto não estão mais dando?, perguntou Zequinha.

Ele tava homenageando uma loura bacana, de vestido de baile e cheia de jóias.

Ela tava nua, disse Pereba.

Já vi que vocês tão na merda, disse Zequinha.

Ele tá querendo comer restos de Iemanjá, disse Pereba.

Brincadeira, eu disse. Afinal, eu e Zequinha tínhamos assaltado um supermercado no Leblon, não tinha dado muita grana, mas passamos um tempão em São Paulo na boca do lixo, bebendo e comendo as mulheres. A gente se respeitava.

Pra falar a verdade a maré também não tá boa pro meu lado, disse Zequinha. A barra tá pesada. Os homens não tão brincando, viu o que fizeram com o Bom Crioulo? Dezesseis tiros no quengo. Pegaram o Vevê e estrangularam. O Minhoca, porra! O Minhoca! crescemos juntos em Caxias, o cara era tão míope que não enxergava daqui até ali, e também era meio gago — pegaram ele e jogaram dentro do Guandu, todo arrebitado.

Pior foi com o Tripé. Tacaram fogo nele. Virou torresmo. Os homens não tão dando sopa, disse Pereba. E frango de macumba eu não como.

Depois de amanhã vocês vão ver.

Vão ver o quê?, perguntou Zequinha.
 Só tô esperando o Lambreta chegar de São Paulo.
 Porra, tu tá transando com o Lambreta?, disse Zequinha.
 As ferramentas dele estão todas aqui.
 Aqui?, disse Zequinha. Você tá louco.
 Eu ri.
 Quais são os ferros que você tem?, perguntou Zequinha.
 Uma Thompson lata de goiabada, uma carabina doze, de cano serrado,
 e duas Magnum.
 Puta que pariu, disse Zequinha. E vocês montados nessa baba tão aqui
 rocando punheta?
 Esperando o dia raiar para comer farofa de macumba, disse Pereba. Ele
 faria sucesso falando daquele jeito na TV, ia matar as pessoas de rir.
 Fumamos. Esvaziamos uma pitu.
 Posso ver o material?, disse Zequinha.
 Descemos pelas escadas, o elevador não funcionava, e fomos no aparta-
 mento de dona Candinha. Batemos. A velha abriu a porta.
 Dona Candinha, boa noite, vim apanhar aquele pacote.
 O Lambreta já chegou?, disse a preta velha.
 Já, eu disse, está lá em cima.
 A velha trouxe o pacote, caminhando com esforço. O peso era demais
 para ela. Cuidado, meus filhos, ela disse.
 Subimos pelas escadas e voltamos para o meu apartamento. Abri o
 pacote. Armei primeiro a lata de goiabada e dei pro Zequinha segurar. Me
 amarro nessa máquina, tarratátátátá!, disse Zequinha.
 É antigo mas não falha, eu disse.
 Zequinha pegou a Magnum. Jóia, jóia, ele disse. Depois segurou a doze,
 colocou a culatra no ombro e disse: ainda dou um tiro com esta belezinha
 nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas
 na parede e deixar ele pregado lá.
 Botamos tudo em cima da mesa e ficamos olhando.
 Fumamos mais um pouco.
 Quando é que vocês vão usar o material?, disse Zequinha.
 Dia 2. Vamos estourar um banco na Penha. O Lambreta quer fazer o
 primeiro gol do ano.
 Ele é um cara vaidoso, disse Zequinha.
 É vaidoso mas merece. Já trabalhou em São Paulo, Curitiba, Florianó-
 polis, Porto Alegre, Vitória, Niterói, para não falar aqui no Rio. Mais de
 trinta bancos.

É, mas dizem que ele dá o bozó, disse Zequinha.
 Não sei se dá, nem tenho peito de perguntar. Pra cima de mim nunca
 veio com frescuras.
 Você já viu ele com mulher?, disse Zequinha.
 Não, nunca vi. Sei lá, pode ser verdade, mas que importa?
 Homem não deve dar o cu. Ainda mais um cara importante como o
 Lambreta, disse Zequinha.
 Cara importante faz o que quer, eu disse.
 É verdade, disse Zequinha.
 Ficamos calados, fumando.
 Os ferros na mão e a gente nada, disse Zequinha.
 O material é do Lambreta. E aonde é que a gente ia usar ele numa hora
 destas?
 Zequinha chupou ar, fingindo que tinha coisas entre os dentes. Acho
 que ele também estava com fome.
 Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa.
 O mulherio tá cheio de jóia e eu tenho um cara que compra tudo o que eu
 levar. E os barbados tão cheios de grana na carteira. Você sabe que tem anel
 que vale cinco milhas e colar de quinze, nesse intruja que eu conheço? Ele
 paga na hora.
 O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover.
 Lá se foi a tua farofa, disse Pereba.
 Que casa? Você tem alguma em vista?
 Não, mas tá cheio de casa de rico por aí. A gente puxa um carro e sai
 procurando.
 Coloquei a lata de goiabada numa saca de feira, junto com a munição.
 Dei uma Magnum pro Pereba, outra pro Zequinha. Prendi a carabina no
 cinto, o cano pra baixo, e vesti uma capa. Apanhei três meias de mulher e
 uma tesoura. Vamos, eu disse.
 Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos
 várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente
 demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande
 e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de
 carnaval, mas poucas vezes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com
 a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal.
 Eles estavam bebendo e dançando num salão quando viram a gente.
 É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocês
 ficarem quietos ninguém se machuca. Você aí, apaga essa porra dessa vitrola!

Pereba e Zequinha foram procurar os empregados e vieram com três garçons e duas cozinheiras. Deita todo mundo, eu disse.

Contei. Eram vinte e cinco pessoas. Todos deitados em silêncio, quietos, como se não estivessem sendo vistos nem vendo nada.

Tem mais alguém em casa?, eu perguntei.

Minha mãe. Ela está lá em cima no quarto. É uma senhora doente, disse uma mulher toda enfeirada, de vestido longo vermelho. Devia ser a dona da casa.

Crianças?

Estão em Cabo Frio, com os tios.

Gonçalves, vai lá em cima com a gordinha e traz a mãe dela.

Gonçalves?, disse Pereba.

É você mesmo. Tu não sabe mais o teu nome, ô burro?

Pereba pegou a mulher e subiu as escadas.

Inocência, amarra os barbados.

Zequinha amarrou os caras usando cintos, fios de cortinas, fios de telefones, tudo que encontrou.

Revistamos os sujeitos. Muito pouca grana. Os putos estavam cheios de cartões de crédito e talões de cheques. Os relógios eram bons, de ouro e platina. Arrancamos as jóias das mulheres. Um bocado de ouro e brilhante. Botamos tudo na saca.

Pereba desceu as escadas sozinho.

Cadê as mulheres?, eu disse.

Engrossaram e eu tive que botar respeito.

Subi. A gordinha estava na cama, as roupas rasgadas, a língua de fora. Mortinha. Pra que ficou de flozô e não deu logo? O Pereba tava atrasado. Além de fudida, mal paga. Limpei as jóias. A velha tava no corredor, caída no chão. Também tinha batido as botas. Toda penteada, aquele cabelão armado, pintado de louro, de roupa nova, rosto encarquilhado, esperando o ano novo, mas já tava mais pra lá do que pra cá. Acho que morreu de susto. Arranquei os colares, broches e anéis. Tinha um anel que não saía. Com nojo, molhei de saliva o dedo da velha, mas mesmo assim o anel não saía. Fiquei putto e dei uma dentada, arrancando o dedo dela. Enfiei tudo dentro de uma fronha. O quarto da gordinha tinha as paredes forradas de couro. A banheira era um buraco quadrado grande de mármore branco, enfiado no chão. A parede toda de espelhos. Tudo perfumado. Voltei para o quarto, empurrei a gordinha para o chão, arrumei a colcha de cetim da cama com cuidado, ela ficou lisinha, brilhando. Tirei as calças e caguei em cima da

colcha. Foi um alívio, muito legal. Depois limpei o cu na colcha, botei as calças e desci.

Vamos comer, eu disse, botando a fronha dentro da saca.

Os homens e mulheres no chão estavam todos quietos e encagaçados, como carneirinhos. Para assustar ainda mais eu disse, o putto que se mexer eu estouro os miolos.

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem, não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.

Pode também comer e beber à vontade, ele disse.

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro.

Como é seu nome?

Maurício, ele disse.

Seu Maurício, o senhor quer se levantar, por favor?

Ele se levantou. Desamarrei os braços dele.

Muito obrigado, ele disse. Vê-se que o senhor é um homem educado, instruído. Os senhores podem ir embora, que não daremos queixa à polícia. Ele disse isso olhando para os outros, que estavam quietos apavorados no chão, e fazendo um gesto com as mãos abertas, como quem diz, calma minha gente, já levei este bunda suja no papo.

Inocência, você já acabou de comer? Me traz uma perna de peru dessas aí. Em cima de uma mesa tinha comida que dava para alimentar o presídio inteiro. Comi a perna de peru. Apanhei a carabina doze e carreguei os dois canos.

Seu Maurício, quer fazer o favor de chegar perto da parede?

Ele se encostou na parede.

Encostado não, não, uns dois metros de distância. Mais um pouquinho para cá. Muito obrigado.

Atirei bem no meio do peito dele, esvaziando os dois canos, aquele tremendo trovão. O impacto jogou o cara com força contra a parede. Ele foi escorregando lentamente e ficou sentado no chão. No peito dele tinha um buraco que dava para colocar um panetone.

Viu, não grudou o cara na parede, porra nenhuma.

Tem que ser na madeira, numa porta. Parede não dá, Zequinha disse.

Os caras deitados no chão estavam de olhos fechados, nem se mexiam. Não se ouvia nada, a não ser os arrotos do Pereba.

Você aí, levante-se, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos.

Por favor, o sujeito disse, bem baixinho.

Fica de costas para a parede, disse Zequinha.

Carreguei os dois canos da doze. Atira você, o coice dela machucou o meu ombro. Apóia bem a culatra senão ela te quebra a clavícula.

Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira.

Eu não disse?, Zequinha esfregou o ombro dolorido. Esse canhão é foda.

Não vais comer uma bacana destas?, perguntou Pereba.

Não estou a fim. Tenho nojo dessas mulheres. Tô cagando pra elas. Só como mulher que eu gosto.

E você... Inocência?

Acho que vou papar aquela moreninha.

A garota tentou atrapalhar, mas Zequinha deu uns murros nos cornos dela, ela sossegou e ficou quieta, de olhos abertos, olhando para o teto, enquanto era executada no sofá.

Vamos embora, eu disse. Enchemos toalhas e fronhas com comidas e objetos.

Muito obrigado pela cooperação de todos, eu disse. Ninguém respondeu.

Sáimos. Entramos no Opala e voltamos para casa.

Disse para o Pereba, larga o rodante numa rua deserta de Botafogo, pega um táxi e volta. Eu e Zequinha saltamos.

Este edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arreventadas.

Fudido mas é Zona Sul, perto da praia. Tás querendo que eu vá morar em Nilópolis?

Chegamos lá em cima cansados. Botei as ferramentas no pacote, as jóias e o dinheiro na saca e levei para o apartamento da preta velha.

Dona Candinha, eu disse, mostrando a saca, é coisa quente.

Pode deixar, meus filhos. Os homens aqui não vêm.

Subimos. Coloquei as garrafas e as comidas em cima de uma toalha no chão. Zequinha quis beber e eu não deixei. Vamos esperar o Pereba.

Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz ano novo.

Correspondência completa

Ana Cristina Cesar

My dear,

Chove a cântaros. Daqui de dentro penso sem parar nos gatos pingados. Mãos e pés frios sob controle. Notícias imprecisas, fique sabendo. É de propósito? Medo de dar bandeira? Ouça muito Roberto: quase chamei você mas olhei para mim mesmo etc. Já tirei as letras que você pediu.

O dia foi laminha. Célia disse: o que importa é a carreira, não a vida. Contradição difícil. A vida parece laminha e a carreira é um narciso em flor. O que escrevi em fevereiro é verdade mas vem junto drama de desocupado. Agora fiquei ocupadíssima, ao sabor dos humores, natureza chique, disposição ambígua (signo de gêmeos).

Depois que desliguei o telefone me arrependi de ter ligado, porque a emoção esfriou com a voz real. Ao pedir a ligação, meu coração queimava. E quando a gente falou era tão assim, você vendo tv e eu perto de bananas, tão sem estilo (como nas cartas). Você não acha que a distância e a correspondência alimentam uma aura (um reflexo verde na lagoa no meio do bosque)?

Penso pouco no Thomas. Passou o frio dos primeiros dias. Depois, desgosto: dele, do pau dele, da política dele, do violão dele. Mas não tenho mexido no assunto. Entrei de férias. Tenho medo que o balanço acabe. O

A partida

Osman Lins

Hoje, revendo minhas atitudes quando vim embora, reconheço que mudei bastante. Verifico também que estava aflito e que havia um fundo de mágoa ou desespero em minha impaciência. Eu queria deixar minha casa, minha avó e seus cuidados. Estava farto de chegar a horas certas, de ouvir reclamações; de ser vigiado, contemplado, querido. Sim, também a afeição de minha avó incomodava-me. Era quase palpável, quase como um objeto, uma túnica, um paletó justo que eu não pudesse despir.

Ela vivia a comprar-me remédios, a censurar minha falta de modos, a olhar-me, a repetir conselhos que eu já sabia de cor. Era boa demais, intoleravelmente boa e amorosa e justa.

Na véspera da viagem, enquanto eu a ajudava a arrumar as coisas na mala, pensava que no dia seguinte estaria livre e imaginava o amplo mundo no qual iria desafogar-me: passeios, domingos sem missa, trabalho em vez de livros, mulheres nas praias, caras novas. Como tudo era fascinante! Que viesse logo. Que as horas corresse e eu me encontrasse imediatamente na posse de todos esses bens que me aguardavam. Que as horas voassem, voassem!

Percebi que minha avó não me olhava. A princípio, achei inexplicável ela fizesse isso, pois costumava fitar-me, longamente, com uma ternura que incomodava. Tive raiva do que me parecia um capricho e, como represália, fui para a cama.

Deixei a luz acesa. Sentia não sei que prazer em contar as vigas do teto, em olhar para a lâmpada. Desejava que nenhuma dessas coisas me afetasse e irritava-me por começar a entender que não conseguiria afastar-me delas sem emoção.

Minha avó fechara a mala e agora se movia, devagar, calada, fiel ao seu hábito de fazer arrumações tardias. A quietude da casa parecia triste e ficava mais nítida com os poucos ruídos aos quais me fixava: manso arrastar de chinelos, cuidadoso abrir e lento fechar de gavetas, o tique-taque do relógio, tilintar de talheres, de xícaras.

Por fim, ela veio ao meu quarto, curvou-se:

— Acordado?

Apanhou o lençol e ia cobrir-me (gostava disto, ainda hoje o faz quando a visito); mas pretextei calor, beijei sua mão enrugada e, antes que ela saísse, dei-lhe as costas.

Não consegui dormir. Continuava preso a outros rumores. E quando estes se esvaíam, indistintas imagens me acoassavam. Edifícios imensos, opressivos, barulho de trens, luzes, tudo a afligir-me, persistente, desagradável — imagens de febre.

Sentei-me na cama, as têmporas batendo, o coração inchado, retendo uma alegria dolorosa, que mais parecia um anúncio de morte. As horas passavam, cantavam grilos, minha avó tossia e voltava-se no leito, as molas duras rangiam ao peso de seu corpo. A tosse passou, emudeceram as molas; ficaram só os grilos e os relógios. Deitei-me.

Passava de meia-noite quando a velha cama gemeu: minha avó levantava-se. Abriu de leve a porta de seu quarto, sempre de leve entrou no meu, veio chegando e ficou de pé junto a mim. Com que finalidade? — perguntava eu. Cobrir-me ainda? Repetir-me conselhos? Ouvi-a então soluçar e quase fui sacudido por um acesso de raiva. Ela estava olhando para mim e chorando como se eu fosse um cadáver — pensei. Mas eu não me parecia em nada com um morto, senão no estar deitado. Estava vivo, bem vivo, não ia morrer. Sentia-me a ponto de gritar. Que me deixasse em paz e fosse chorar longe, na sala, na cozinha, no quintal, mas longe de mim. Eu não estava morto.

Afinal, ela beijou-me a fronte e se afastou, abafando os soluços. Eu crispei as mãos nas grades de ferro da cama, sobre as quais apoiei a testa ardente. E adormeci.

Acordei pela madrugada. A princípio com tranquilidade, e logo com obstinação, quis novamente dormir. Inútil, o sono esgotara-se. Com precaução, acendi um fósforo: passava das três. Restavam-me, portanto, menos de duas horas, pois o trem chegaria às cinco. Veio-me então o desejo de não

passar nem uma hora mais naquela casa. Partir, sem dizer nada, deixar quanto antes minhas cadeias de disciplina e de amor.

Com receio de fazer barulho, dirigi-me à cozinha, lavei o rosto, os dentes, penteei-me e, voltando ao meu quarto, vesti-me. Calcei os sapatos, sentei-me um instante à beira da cama. Minha avó continuava dormindo. Deveria fugir ou falar com ela? Ora, algumas palavras... Que me custava acordá-la, dizer-lhe adeus?

Ela estava encolhida, pequenina, envolta numa coberta escura. Toquei-lhe no ombro, ela se moveu, descobriu-se. Quis levantar-se e eu procurei detê-la. Não era preciso, eu tomaria um café na estação. Esquecera de falar com um colega e, se fosse esperar, talvez não houvesse mais tempo. Ainda assim, levantou-se. Ralhava comigo por não tê-la despertado antes, acusava-se de ter dormido muito. Tentava sorrir.

Não sei por que motivo, retardei ainda a partida. Andei pela casa, cabisbaixo, à procura de objetos imaginários, enquanto ela me seguia, abrigada em sua coberta. Eu sabia que desejava beijar-me, prender-se a mim, e à simples idéia desses gestos, estremei. Como seria se, na hora do adeus, ela chorasse?

Enfim, beijei sua mão, bati-lhe de leve na cabeça. Creio mesmo que lhe surpreendi um gesto de aproximação, decerto na esperança de um abraço final. Esquivei-me, apanhei a maleta e, ao fazê-lo, lancei um rápido olhar para a mesa (cuidadosamente posta para dois, com a humilde louça dos grandes dias e a velha toalha branca, bordada, que só se usava em nossos aniversários).

Anos 60

Conflitos e desenredos

Se o clima dos anos 60 foi de revolução em todos os quadrantes do mundo e dimensões da vida, devemos incluir aí a tremenda explosão de qualidade no campo da ficção curta brasileira. São desta década algumas das realizações máximas no gênero em nosso país. Contos de Clarice Lispector e Rubem Fonseca, por exemplo, legam modelos narrativos que vão influenciar todas as gerações seguintes de escritores. Os contos dos anos 60 falam de nossa contemporaneidade, quase sempre urbana, agitada por conflitos psicológicos e sociais. Desenredam-se laços, tradições. Homens e mulheres se dilaceram em conflitos de identidade. Não há mais lugar para a inocência, o lirismo puro. Ficamos mais adultos. Os leitores inclusive. Querem mais narrativas que traduzam com força dramática e riqueza metafórica as cruzeiras do real. A literatura brasileira nunca mais será a mesma depois do vendaval dos 60.

SENHOR DIRETOR

Lygia Fagundes Telles.

5 Seca no nordeste. Na Amazônia, cheia — leu Maria Emília na manchete do jornal preso aos varais da banca com prendedores de roupa. Desviou o olhar severo para a capa da revista com o jovem casal de biquíni amarelo, ela na frente, ele atrás, enlaçando-a na altura dos seios nus, amassados sob os braços peludos. Estavam molhados como se tivessem saído juntos de uma ducha. Sérios. Por que todas essas fotos obscenas tinham esse ar agressivo? Emendados feito¹ animais. E brilhosos, escorrendo uma água oleosa, desde Sodoma e Gomorra os óleos e unguentos perfumados fazendo parte
10 das orgias. Até a manteiga, imagine, a inocente manteiga. Audácia da Mariana em contar o episódio da manteiga, aquela indecência que viu em Paris. E se sacudindo de rir, foi tão engraçado, Mimi,² ele dançando o tango de calças abaixadas, tão cômico! E confessou que viu a fita duas vezes para entender melhor aquele pedaço, a de-
15 bilóide.³ É o cúmulo. Disse que apareceu uma marca de manteiga que aproveitou para fazer sua propaganda, funcional com ou sem sal! Três anos mais velha do que eu, sessenta e quatro e meio. E se deliciando com a cena de um anormal pedindo manteiga. Como é que as autoridades permitem tamanho⁴ deboche? Falta de respeito.
20 De pudor. Se uma mulher de sessenta e quatro anos e meio se deixava levar como uma folha na correnteza, que dizer então dos jovens? *Meus Céus*,⁵ meus Céus, os frágeis jovens sem estrutura, sem defesa, vendo essas fitas. Essas publicações. Televisão era outro foco de imoralidade. Anúncios mais sujos, uma afronta. Hoje
25 mesmo escreveria uma carta ao *Jornal da Tarde*, carta vazada⁶ em

¹ Como.

² Apelido de Maria Emília.

³ Toia; idiota.

⁴ Tanto.

⁵ Meu Deus.

⁶ Escrita.

termos educados. Suspirou. Ainda há pessoas educadas mas que também (a fisionomia endureceu) podem ficar coléricas. Senhor Diretor: antes e acima de tudo, quero me apresentar, professora aposentada que sou, paulista, solteira. Um momento, solteira, não,
30 imagine, por que declinar⁷ meu estado civil? Basta isto, uma professora paulista que tomou a liberdade de lhe escrever porque a ninguém mais lhe ocorre expor sua revolta, mais do que revolta, seu horror diante desse espetáculo que a nossa pobre cidade nos obriga a presenciar desde o instante em que se põe o pé na rua. O pé
35 na rua? A coisa já invadiu a intimidade dos nossos lares, não tenho filhos, é lógico, mas se tivesse estaria agora desesperada, essa mania de iniciar as crianças em assuntos de sexo, esses livros, esses programas infantis, Senhor Diretor, e esses programas que conspiram⁸ nossas inocentes crianças, bem como fizeram com a manteiga... Um momento, espera, esse pedaço não: digo que a tevé está exorbitando⁹, de um modo geral, em nos impor a imagem da boçalidade¹⁰ e digo que resisti em comprar uma, bem que resisti, Senhor Diretor. Mas sou sozinha e às vezes, a solidão. A perigosa solidão. Mas fico vigilante (aprumou-se, levantou a cabeça) para não acontecer comigo o que aconteceu com a Mariana, tão fina, tão prenda-
45 da.¹¹ Família tradicional, de um dos melhores troncos paulistas, olha aí a Mariana. Viagem jóia.¹² Fiz compras lindas mas está na hora de voltar porque minha calça já perdeu o vinco,¹³ escreveu no cartão que me mandou de Manaus. A calça perdeu o vinco e ela, a vergonha. Sessenta e quatro anos e meio. Quem visse, podia pensar, é uma jovem que foi fazer contrabando.¹⁴ Espera, jovem não, que jovem não se importa com vinco de calça, postal de uma velha mesmo e com medo de parecer desatualizada.¹⁵ Então conta banda-

⁷ Revelar.

⁸ Sujam.

⁹ Passando do limite.

¹⁰ Rudeza; grosseria.

¹¹ Quem possui prendas ou qualidades apreciáveis.

¹² Bacana; maravilhosa.

¹³ Já não agüento mais viajar.

¹⁴ Manaus, sendo porto livre, oferece de tudo em matéria de importados. Porém, quem chega de Manaus tem que passar pela alfândega.

¹⁵ Não atualizada; não em dia.

lheiras,¹⁶ me diz oi¹⁷ no telefone e usa calça grudada no *derrière*. Só
55 falta usar aquelas camisetas com coisas escritas nas costas. Tanto medo, Senhor Diretor. Tanto medo. Eu também tenho medo, é duro envelhecer, reconheço. Mas e o orgulho? Apertou a bolsa contra o peito e lançou um olhar em redor. Meus cabelos branquearam, meus dentes escureceram e minhas mãos, Senhor Diretor,
60 estas mãos que — era voz corrente — foram sempre o que tive de mais bonito. Olhou as próprias mãos enluvadas. Ainda bem.

— A senhora me dá licença? — disse o vendedor de jornais despregando do varal a revista com os jovens escorrendo água.

Ela afastou-se com um olhar desaprovador para a mocinha de
65 olhos bistrados,¹⁸ mascando chicle de bola: queria a revista e queria também uma novela em quadrinhos, “aquela ali”, pediu e entre os lábios o chicle estufou rosado até estourar num puf! Maria Emília voltou depressa para o outro lado o rosto desgostoso: eis aí.¹⁹ Já estava escrevendo uma outra carta, meus Céus, não misturar os assuntos que velhice era outro tópico, agora tinha que se concentrar nessa sufocante vaga de vulgaridade que contaminava até as pedras. A poluição também ficaria para uma outra vez, o que interessava denunciar era essa poluição da alma. A Mariana, por exemplo. Está resistindo bem ao ar, até que está saudável apesar da asma
75 mas e por dentro? Resistir, quem há de?²⁰ Uma ilusão gemia em cada canto — gemia ou chorava? Tempo de sentimento. De poesia. Agora o tempo ficou só de detergentes para as pias, desodorantes para as partes, a quantidade de anúncios de desodorantes. Como se o simples sabão não resolvesse mais. Mariana ouvia a publicidade
80 na tevé, no rádio, entrava nos mercados e comprava tudo, até pílulas homeopáticas para excesso e escassez, mas Mariana, minha querida, já faz tanto tempo que você está na menopausa! Ela riu, meu Deus, é claro, ando atordoada²¹ com tanta ordem que eles dão, não é que acabei me distraíndo? Um dia ainda vai me dizer que foi
85 lançado o ser biônico²² para damas e cavalheiros solitários, a tevé

¹⁶ Indecências.

¹⁷ Olá.

¹⁸ Com olheiras pronunciadas.

¹⁹ Aí está o problema.

²⁰ Quem pode.

²¹ Estonteada; aturdida.

²² Referência ao seriado norte-americano *The Bionic Man/Woman*. Daí a promessa futurista de um/uma consorte ideal para quem não tiver.

deu, Mimi, fazem tudo com a gente! Portátil. Eletrodomésticos. Eletrochoques. Desconfio às vezes que ela está ficando louca, que todos estamos ficando loucos. Que estamos nos afastando cada vez mais de um planeta de paz e nos aproximando rapidamente de outro planeta só de aflição, só de violência (essa idéia é boa) e daí, Senhor 90 Diretor, é preciso alertar a população, alertar as autoridades, temos que neutralizar essa influência perversa. O senhor, eu — a elite pode estar a salvo. Mas e os outros? Quando fui de ônibus para Brasília, eu mesma não me envolvi como uma criança débil? Por 95 toda parte só um anúncio, BEBA COCA-COLA! BEBA COCA-COLA! Nas estradas, nas cidades, nas árvores e nas fachadas, nos muros e nos postes, até na toaleta²³ de lanchonetes perdidas lá no inferno velho, a ordem, BEBA COCA-COLA! E eu então — ai de mim! — com toda a ojeriza que tenho por esse refrigerante, pensando em 100 pedir uma tônica com limão ou um guaraná, naquele calor e naquele cansaço cheguei no balcão e pedi uma coca-cola gelada. Acordei do obumbramento²⁴ engolindo aquela coisa marrom com gosto de sabonete de trem, tinha um trem (faz tanto tempo, Senhor Diretor) com esse sabonete redondo e preto, dependurado na correntinha 105 do toaleta. Meu pai me ajudava a esfregar as mãos, eu era uma menininha de cachos mas até hoje sinto o cheiro daquela espuma. Imagine se papai estivesse vivo e soubesse do que aconteceu no Municipal,²⁵ um moço subindo no palco e fazendo a necessidade, ali em cima dos dourados,²⁶ sob as vistas de Carlos Gomes,²⁷ de 110 Verdi! Espera, melhor cortar esse pedaço, mais objetividade: insistir apenas nisso, no perigo dessa propaganda que bem dirigida pode até torcer um destino como aquele mágico torcia talheres. A ordem de beber coca-cola não corresponde de um certo modo a essa ordem de fazer amor, faça amor, faça amor! Cheguei um dia a ter uma 115 miragem quando em lugar da garrafinha escorrendo água no anúncio, vi um fálus no fundo vermelho. Em ereção, espumando no céu de fogo — horror, horror, nunca vi nenhum fálus mas a gente

²³ Compartimento com lavatório e espelho, para as senhoras recomporem o penteado, a pintura, etc.

²⁴ Cegueira de espírito; idéia fixa.

²⁵ Teatro Municipal.

²⁶ Adornos bordados de ouro.

²⁷ Compositor de óperas brasileiro (1836-1896), talvez mais famoso por sua adaptação de *O Guarani* de José de Alencar.

não acaba mesmo fazendo associações desse tipo? E os santos, meus Céus, como é que estão se defendendo os que têm vocação 120 para a santidade? É preciso ter couro de jacaré²⁸ para agüentar tamanho impacto. E esta pobre pele tão fina apesar do tempo, ainda preservada nas partes cobertas. Não foi no jornal que a Mariana leu (o fascínio que tem por jornais populares) o caso daquele moço? Monstruosidade, o moço que pegou uma garrafinha de coca-cola e 125 enfiou quase inteira lá dentro da menina, horrível, quando chegaram ao hospital ela já estava agonizando, mas por que fez isso, monstro?! o delegado perguntou e ele respondeu chorando aos gritos que também não sabia, não sabia, só se lembrava que uma vez leu numa revista que em Hollywood, numa festa que durou três 130 dias, um artista enfiou uma garrafa de champanha na namorada quando também não conseguiu fazer naturalmente. Mas me lembrei disso por lembrar, idéias extravagantes.

Assustou-se com a buzina de um carro que passou rente à calçada, levantando poeira, mas é preciso buzinar assim? Aproximou-se novamente da banca e percorreu com o olhar incerto o jornal que o vento sacudia. E se fosse tranquilamente ler na praça? Mas a praça devia estar tão suja, que prazer podia se encontrar numa praça assim? Era um bom assunto para a carta, a sujeira dos nossos jardins, o único problema é que podia ficar comprida demais. E queria ser breve. Mas é difícil ser breve, Senhor Diretor. 140 Tão difícil.

O Nordeste passa por uma forte estiagem²⁹ que já destruiu mais de 90% da produção agrícola ao passo que a Amazônia sofre o flagelo das cheias com a chegada das chuvas — leu Maria Emília. Desespero na escassez. Desespero no excesso. Não tive ninguém mas Mariana exorbitou: três maridos sem falar nos amantes. Rim quente. Se pudesse fazer uma plástica³⁰, ainda ia continuar mas Doutor Braga foi positivo, se a senhora se opera, fica na mesa que seu coração não agüenta, está me compreendendo? Compreendeu. Ainda bem. A Elza não ficou? Outra vítima da publicidade, a querida Elza. Lastimava tanto a agitação de Mariana, se gabava de aceitar a velhice sem resistência, a pobre querida. Mas tanto ouviu contar das rainhas e estrelas de cinema chegando de longe para

²⁸ Caimã; réptil crocodiliano.

²⁹ Seca; falta ou cessação de chuva.

³⁰ Cirurgia plástica.

renovar a cara, que acabou se impressionando, era muito impres-
155 sionável. O telefonema de madrugada, Dona Maria Emília, eu que-
ria avisar que o enterro da vovó vai ser às nove horas, sabemos que
eram tão amigas. Mas enterro de quem, meus Céus?! Da Elza? Mas
a Elza morreu? Não, a Elza, não! estivemos juntas faz dois dias, ela
estava esplêndida! Síncope? Síncope cardíaca? Mesmo em meio do
160 meu pranto, senti as reticências do neto, cheguei a pensar num ab-
surdo, quer ver que ela se matou? Enterro às nove. Quando me de-
brucei no caixão é que entendi tudo, a querida, a pobre querida com
a cara toda pincelada de mercurocromo. Morreu na anestesia,
quando o tal médico com nome de bicho, como é mesmo? bem,
165 quando ele já se preparava para os primeiros cortes. Imagine, ope-
rar uma velha, Elza tinha seguramente seis anos mais do que eu.
Mas é proibido envelhecer? Outro ponto importante, Senhor Dire-
tor, devia haver um **dispositivo**³¹ regulando isso, essa **velharada**³² se
operando por aí, já com começo de esclerose. Nem agonizantes es-
170 capam, lembra da prima do Leal que estava com aquela doença?
Um mês antes da morte a pobrezinha inventou de **puxar a cara**³³ e o
médico sabia, o mercenário. O consolo é que ela morreu bastante
remoçada,³⁴ a tonta da Mariana veio me dizer na missa.

Um cinema? Olhou o céu de um azul pálido. Puro. Uma pena
175 trocar aquela tarde por uma sala escura mas ir onde então? Um
chá? Mas será que restara alguma confeitaria decente por ali? Fi-
cou olhando, **crispada**,³⁵ o homem de cabelos emplastados que se
aproximou para examinar de perto o poster colorido preso no varal
inferior da banca. Ele usava brilhantina e mesmo sem ver-lhe a cara
180 podia adivinhar a **cupidez**³⁶ dos olhinhos **ramelosos**³⁷ (deviam ser
miúdos, ramelosos) colados ao biquíni vermelho da ruiva montada
de frente numa cadeira, empinados os bicos dos seios duros. Botas,
chapéu de *cowboy*, um revólver em cada mão. E o biquíni tão **ajus-**
tado³⁸ entre as pernas que se via nitidamente o montículo de pêlos

³¹ Regra.

³² Referência pejorativa às velhas.

³³ Fazer cirurgia plástica no rosto.

³⁴ Rejuvenescida.

³⁵ Franzida; contraída.

³⁶ Luxúria; desejo carnal.

³⁷ Cobertos da secreção amarelada ou esbranquiçada, que se forma nos pontos
lacrimais e no bordo das pálpebras.

³⁸ Apertado.

185 aplacados sob o cetim, mais expostos do que se estivessem sem
nada em cima. Olha aí, Senhor Diretor. A imagem da mulher-
objeto, como dizem as meninas lá do grupo feminista. Meninas in-
teligentes, cultas, quase todas de nível universitário. Mas meus
Céus, se ao menos fossem mais moderadas. Mais discretas. Rei-
190 vindicar tanta coisa ao mesmo tempo, tanta mudança de repente
não pode ser prejudicial? Um abalo nas nossas raízes, acho que es-
tão correndo demais. Com a idade delas eu nem pensava, por
exemplo, nessa palavra, *prostituta*. E a própria se levanta e começa
a defender a profissão, pensei que não estivesse entendendo direi-
195 to, *profissão*? E a jovem ali em carne e osso, precisei me beliscar,
mas será que estou acordada? Até que tinha um jeitinho de secretá-
ria de uma dessas firmas americanas, o perfil mimoso que me fez
lembrar uma antiga colega do **Des Oiseaux**,³⁹ a Carola, que morreu
antes da nossa primeira comunhão. Juro que me esforcei para com-
200 prender, participar da sua cólera, a mundana estava colérica com
uma série de coisas realmente deploráveis que a polícia faz com es-
sas mulheres. Então tentei ficar solidária na cólera e descobri que
estava era com raiva dela, ora, que **despautério**!⁴⁰ Será que não po-
dia escolher uma outra atividade? Assegurar sua liberdade profis-
205 sional, que **topete**!⁴¹ Quando se levantou a advogada de óculos, res-
pirei: agora o nível das discussões vai subir, pensei, e até que no
começo ela foi bastante feliz quando fez uma exposição das raízes
históricas da condição da mulher, acho tão nobre essa expressão,
condição da mulher. E de repente desatou a falar em clitóris, por-
210 que o clitóris, o clitóris... E com homens por ali, eu já não sabia
onde enfiar a cabeça quando ela contou que não sei mais em que
país eles faziam uma incisão no clitóris da mulher para que ela não
sentisse nenhum prazer, o sexo⁴² transformado em agulheiro —
simples instrumento de penetração. E deu outros exemplos igual-
215 mente horríveis, concordo, uma crueldade essas práticas todas.
Mas trazer isso num debate? Quis disfarçar, mostrar que não es-
tava chocada mas quando dei conta de mim, estava aplaudindo
mais do que todas, sempre acontece que por timidez, por medo do
palco acabo entrando no próprio. Se freqüentasse esse grupo, ia

³⁹ Um colégio, já fechado, para meninas da burguesia paulistana.

⁴⁰ Grande disparate; asneira desmedida.

⁴¹ Atrevimento; ousadia.

⁴² Órgão sexual.

220 acabar como a Mariana, de *jeans* e dedos cheios de anéis. Os crimes contra a mulher, agora lembro, era esse o tema da mesa-redonda. Eu acuso, eu acuso! repetia uma moça de bata rendada, grávida e defendendo o direito de abortar, tinha sido violentada⁴³ em plena rua e agora atacava até o Papa, Deus que me perdoe a he-
225 resia mas em casos assim extremos quem sabe seria mesmo aconselhável alguma medida que interrompesse a gestação? Fiquei com muita pena, eu acuso, eu acuso! ela repetia com os olhos cheios de lágrimas, mas ao mesmo tempo, aceitei o aborto — oh, essa palavra tão forte. Fiquei deprimida, pensando na mamãe que não fez a tal
230 incisão mas que nunca sentiu o menor prazer. E teve oito filhos. Oito. Quarenta anos de casamento sem prazer: um agulheiro calado. Mas já estou enveredando por outros caminhos, que difícil, meus Céus, dizer exatamente o que se deseja dizer, tanta coisa vem pelo meio. *A Forma, fria e espessa, é um sepulcro de neve... E a*
235 *Palavra pesada abafa a Idéia leve* — escreveu Olavo Bilac,⁴⁴ na *Inania Verba*. Meu poeta predileto, Senhor Diretor, sempre gostei de poesia. Até declamava. E se no final da carta, à guisa⁴⁵ de quem pede desculpas, transcrever esses versos? Mas espera, vamos pelo princípio. Senhor Diretor: antes e acima de tudo quero me apresen-
240 tar, professora que sou. Paulista. Aposentada. Paulista aposentada, olha aí a tolice. Professora que sou, aposentada. Com duas rugas fundas entre as sobrancelhas de tanto olhar brava para as meninas, não vou escrever esse pedaço mas me lembro bem do começo dessas rugas, querendo com elas segurar aquela *meninada*⁴⁶ que vi-
245 nha espumante como um rio, cobrindo tudo, tamanha força, uma classe⁴⁷ depois da outra, uma depois da outra — por que me fazem pensar num rio sem princípio nem fim? Eu ficava sem voz de tanto pedir silêncio, a garganta *escalavrada*.⁴⁸ Então olhava com essa cara e elas iam sossegando, durante alguns minutos ficavam com
250 medó. Para recomeçar em seguida na maior algazarra, os peitinhos empurrando o avental, excitadas, úmidas, explodiam principalmente no verão. Eu evitava roçar nelas quando voltavam do re-

⁴³ Estuprada; violada.

⁴⁴ Poeta parnasiano (1865-1918) particularmente conhecido por sua exatidão.

⁴⁵ À maneira.

⁴⁶ Grupo de meninos e, por extensão, alunos.

⁴⁷ Grupo de alunos; turma.

⁴⁸ Esfolada; arranhada.

creio, mais forte o cheiro ácido de suor e poeira, mastigando ainda a banana, o pão com manteiga. Os gritos, os risos, a raiva — tudo
255 uma coisa só. No fim do ano, se despediam chorando, me davam flores. Me esqueceram todas. A marca ficou só em mim, nesse meu jeito de olhar as pessoas, vigilante, desconfiada. A verdade é que eu tinha medo delas como elas tinham medo de mim mas seu medo era curto. O meu foi tão longo, Senhor Diretor. Tão longo.
260 Lançou um último olhar para a banca de jornais, onde o jornalista palitava os dentes e proseava com o homem da brilhantina. Uma altiva dama bem distante de toda essa frivolidade — os dois deveriam estar pensando quando passou diante deles, pisando com firmeza, emocionada com a própria distinção. Foi indo pela cal-
265 çada batida de sol, não era mesmo uma delicadeza aquele sol? Lêvou a mão à lapela do casaco para se certificar: a camélia ainda estava ali. Uma pequena extravagância, Senhor Diretor, hoje é o meu aniversário e como estava um domingo tão azul, prendi aqui esta flor. Meu costume é sóbrio, meu penteado é sóbrio. Uma sóbria se-
270 nhora que se permitiu usar uma flor, posso? Deixou que os lábios se distendessem num remoto sorriso que a fez pensar na *Gioconda*,⁴⁹ tinha a gravura fixada no vidro da estante, o sorriso assim mesmo, reticente, maduro de sabedoria (apertou os olhos) e inabordável. Devia ser também uma mulher só. Adentrando a velhice (pisou
275 com mais firmeza) e intacta. Apertou a bolsa debaixo do braço e cruzou molemente as mãos na altura do peito, num movimento de pontas de xale, as longas franjas (relaxou os dedos) pendendo — mas o que significa isso? Fechou o sorriso. Essa mulher aí de minissaia, vindo toda reboiante com o homem de óculos escuros. Vari-
280 zes nas pernas. E a inconsciente com o *saio*⁵⁰ ridículo mostrando a rendinha da calça, mas e a polícia? Não tem mais polícia nesta terra? Logo atrás, uma pequena prostituta (catorze anos?) mal se equilibrando nos tamancos com grossas plataformas de cortiça, as pálpebras pesadas de purpurina verde. Colado ao seu calcanhar, o ve-
285 lho de perfil de caçador — meus Céus, mas onde anda o *juizado de menores*?⁵¹ Em pleno dia.

⁴⁹ Famosa pintura de Leonardo da Vinci (1452-1519), na qual aparece uma senhora conhecida por seu sorriso enigmático.

⁵⁰ Minissaia; saia curta.

⁵¹ Cargo do juiz encarregado de zelar pelo bem-estar dos não adultos.

Um farrapo de papel higiênico azul levantou-se do lixo amontoado na esquina e veio em vôo rasteiro, ondulante no inesperado vento. Ela desviou-se rápida e a serpentina se enrolou no tornozelo
290 do homem que vinha um pouco atrás, descascando uma tangerina. O homem ia atirando as cascas para os lados, semeador alegre. Realizado. Quando **emparelhou**⁵² com ele, ostensivamente ela indicou num movimento de cabeça a **lixeira**⁵³ metálica, presa ao poste: *São Paulo É Uma Cidade Limpa* — estava escrito na lixeira quase
295 vazia. Mas o homem prosseguia cuspidando os caroços com força, como uma criança disputando com outra para ver quem consegue cuspir mais longe. Compete à prefeitura, Senhor Diretor, estudar urgentemente um projeto de educação desse povo que tem a idade mental daquelas meninas que eu ia fiscalizar quando saíam do re-
300 servado,⁵⁴ puxou a **descarga**?⁵⁵ eu perguntava. E a cara inocente de susto, ai! esqueci. Mas será que só eu no meio desta multidão se importa? Se **constrange**? Parou **desarvorada**⁵⁶ na esquina. Avançou o olhar por cima dos carros até o imenso cartaz de cinema no outro lado da rua. **Fita**⁵⁷ nacional? Nacional, claro, se tem cama, mulher
305 com cara de gozo e homem em trajes menores, só pode ser cinema brasileiro, uma verdadeira afronta, incrível, como a censura permite? Não, a carta não seria sobre o lixo, nada de misturar os assuntos, a sujeira interna, Senhor Diretor, essa é pior do que o lixo atômico porque não se lava com uma simples escova. Acelerou a marcha, devia ter outro cinema adiante, esperaria pela noite num cinema, agradeço muito, meus queridos, mas hoje já tenho um compromisso com um grupo de amigas, vão me oferecer um chá, vocês não se importam se marcarmos um outro dia? Protestaram com ênfase, até que se importavam e muito, oh, mas que tia ingrata, **esno-**
310 **bando**⁵⁸ a sobrinhada no dia do aniversário. E bem no fundo será que não sentiram a maliciosa alegriazinha de quem acaba de ganhar uma tarde? E sem remorso, pois não foi ela que recusou? Agora ali estava, cercada de gente por todos os lados. E ainda mais solitária

⁵² Chegou aonde ele estava.

⁵³ Recipiente onde se deposita o lixo.

⁵⁴ Banheiro.

⁵⁵ Bomba ou válvula que controla a descarga de água de um vaso sanitário.

⁵⁶ Desorientada.

⁵⁷ Filme.

⁵⁸ Tentando impressionar.

do que fechada no quarto, onde seus objetos lhe asseguravam a
320 memória já na faixa de insegurança, **badulaques**.⁵⁹ Retratos. Vontade de voltar depressa, mas não, saíra para fazer um **programa**,⁶⁰ não posso estar com vocês porque me comprometi com minhas amigas. As amigas. Eleonora, de **bacia**⁶¹ quebrada, a coitadinha. Mariana, se **embaralhando**⁶² em alguma mesa, a cabeça já não dava
325 nem para um **sete-e-meio**⁶³ e inventou de aprender bridge, não estava na moda? Beatriz, **pajeando**⁶⁴ o bando de netos enquanto a nora **adernava**⁶⁵ no oitavo mês. E Elza estava morta.

No fim do quarteirão, um cinema menor exibia cartazes com cenas de caçadores num safári. Interessou-se pela foto da loura
330 sendo atacada por um crocodilo enquanto o caçador (mas que homem lindo) era pisoteado por um javali. Ainda bem. O porteiro informou que a fita já ia adiantada, por acaso não preferia entrar na próxima sessão? Agradeceu mas não podia esperar, a temperatura estava caindo, **logo mais**⁶⁶ seria inverno com chuvisco e esquecera
335 o guarda-chuva. Também esqueci o meu, ele disse e ela o encarou mais demoradamente, não era mesmo gentil? Em meio da invasão dos bárbaros, ainda restavam alguns antigos habitantes da aldeia, raros, sim, completamente derrotados (a roupa do porteiro mal guardara a cor) mas conservando o sentimento do respeito ao pró-
340 **ximo**,⁶⁷ não, não pedia amor mas ao menos respeito. Desceu a escada apoiada ao corrimão. E ao olhar dele tão zeloso, podia jurar que a seguia, cuidado com os degraus! Entrou emocionada no aconchego da sala escura. Pouca gente. Descansou a bolsa no colo, abriu o botão da gola da blusa e colocou os óculos. Na tela, um bar-
345 budo de cabelos **esgrouvinhados**⁶⁸ espiava por entre a folhagem uma loura que tinha ido nadar nua na lagoa.

Ela foi afundando na poltrona enquanto a loura emergia do fundo na direção do homem, meus Céus, também aqui?! Fixou o

⁵⁹ Coisas de pouco valor.

⁶⁰ Diversão previamente planejada.

⁶¹ Pelve.

⁶² Confundindo-se.

⁶³ Jogo de cartas.

⁶⁴ Vigiando; tomando conta de.

⁶⁵ Se inclinava.

⁶⁶ Em breve.

⁶⁷ Ser humano considerado como um semelhante.

⁶⁸ Desgrenhados; revoltos.

olhar no casal todo enrolado na fileira da frente. Beijavam-se com
350 tanta fúria que o som pegajoso era ainda mais nítido do que o barulho dos dois corpos amassando a folhagem na tela. Um pouco adiante, na mesma fileira, outro casal que acabara de chegar já se atracava resfolegante,⁶⁹ a mão dele procurando sob as roupas dela — encontrou? Encontrou. Podia sentir o hálito ardente dos corpos
355 se sacudindo tão intensamente que toda a tosca fila de cadeiras começou a se sacudir no mesmo ritmo. Encolheu-se. Feito bichos. O melhor era não ligar,⁷⁰ pensar em outra coisa, que coisa? A manchete, tinha memória excelente, no colégio podia repetir uma página inteira lida duas ou três vezes, *o Nordeste passa por uma forte*
360 *estiagem, por uma forte estiagem* — mas onde anda o homem da lanterninha, não tem mais esse homem? Eram tão atentos os vagalumes⁷¹ acendendo suas lanternas na cara dos inconvenientes, mas não vai clarear? Se ao menos clareasse. Segurou com força no assento e o couro da poltrona lhe pareceu viscoso, sêmen? Calçou as
365 luvas e juntou as pernas. Senhor Diretor: antes e acima de tudo, quero me apresentar, professora aposentada que sou. Paulista. Virgem. Fechou os olhos, virgem, virgem verdadeira, não é para escrever mas não seria um dado importante? Desabotoou o segundo botão, a blusa encolheu na lavagem ou seu pescoço estava
370 mais grosso? Sentiu-se desalinhada, descomposta mas deixa eu ficar um pouco assim, está escuro, ninguém está prestando atenção em mim, nem no claro prestam, quem é que está se importando, quem? E se por acaso o certo for isso mesmo **que está aí?**⁷² Esse gozo, essa alegria úmida nos corpos. Nas palavras. Esse arfar espumante como o rio das meninas lá atrás, tentou detê-lo com sua voz rouca, com seus vincos e ele transbordou inundando tudo, camas, casas, ruas... E se o normal for o sexo contente da moça suspirando aqui adiante — pois não seria para isso mesmo que foi feito? Virgem, Senhor Diretor. Que sei eu desse desejo que ferve
380 desde a Bíblia, todos conhecendo e gerando e conhecendo e gerando, homens, plantas, bichos. Mamãe tinha medo do sexo, herdei esse medo — não foi dela que herdei? Aquelas moças lá do movimento, tão desreprimidas, tão soltas, será que são assim mesmo ou

⁶⁹ Respirando com esforço e/ou ruído.

⁷⁰ Dar importância.

⁷¹ Empregados que acompanham o espectador até a poltrona.

⁷² Que está acontecendo?

representam? Nenhum pudor, falam de tudo. Fazem tudo. Meu
385 constrangimento quando me queixei para mamãe e o constrangimento dela quando me levou à médica, só uma mulher podia examinar minhas partes, baixava a voz quando dizia *partes*. Minha filha está com um pouco de corrimento,⁷³ disse e fez aquela cara infeliz. Enrijeci as pernas quando o dedo enluvado me tocou e me lembrei dela dizendo à minha avó que cumpria seus deveres de esposa
390 sem nenhum prazer até o amargo fim. Até o amargo fim, mamãe? A fonte do seu sofrimento era agora esta fonte de onde corria um fluxo. Tentei me desconstrair na posição medonha (você está tão dura, menina, parece de ferro, relaxa que não vou te machucar) e olhei
395 para mamãe. Ela era inteira uma estátua lacrimosa, apertando solidária a minha mão. Pronto, pode vestir a calcinha, ordenou a voz por entre minhas pernas. Nada grave, menina, você tem flores-brancas,⁷⁴ às vezes as virgens padecem disso. Flores-brancas. Secaram, Senhor Diretor, também elas foram secando. Seca tudo, a
400 velhice é seca, toda água evaporou de mim, minha pele secou, as unhas secaram, o cabelo que estala e quebra no pente. O sexo sem secreções. Seco. Faz tempo que secou completamente, fonte selada. A única diferença é que um dia, no nordeste, volta a chuva.

Na tela, o homem do safári entrou na tenda e deitou-se sob o
405 mosquito, fumando tristíssimo porque a amante (mulher do amigo) estava de partida, era mais uma história de traição. Soubera de tantas, a começar por Mariana quando veio lhe pedir chorando que não ficasse brava, que não a condenasse, não briga comigo, Mimi, mas estou apaixonada pelo Afonso! Que Afonso, Mariana? Só co-
410 nheço um, o amigo do seu marido, não é o amigo do seu marido? E os olhos de Mariana se abrindo feito duas torneiras: amigo íntimo. Foi implacável, brigou, você é uma louca, Mariana, uma louca varrida,⁷⁵ por que não escolheu ao menos um homem de fora, um estranho? E ela enxugando a cara perplexa, mas Mimi, então você
415 não compreende? A gente acaba se apaixonando pelos da roda⁷⁶ mesmo. Afonso é parecido com meu marido, parecido comigo, a gente tem os mesmos gostos, frequenta os mesmos lugares e um dia se olha e então é tarde. É tarde, ficou repetindo e sacudindo a ca-

⁷³ Secreção patológica que se escoia de um órgão.

⁷⁴ Leucorréia.

⁷⁵ Completa.

⁷⁶ Círculo de amizades.

beça desarvorada, os cabelos ainda castanhos, ainda com a cor natural, na velhice é que tingiu as mechas de louro-acinzentado. Não me condene, pedi tanto. Condenei-a, sim, e com que rigor. Não seria pura inveja? Esse meu sentimento de superioridade. Desprezo. Inveja, meus Céus? Eu tinha inveja da sua vida inquieta, imprevisível, rica de acontecimentos, rica de paixão — era então inveja?

425 Olha que você pintou e bordou, ⁷⁷eu lhe disse outro dia e ela riu e seu olhar ficou úmido como se ainda fosse jovem, juventude é umidade. Os poros fechados retendo a água da carne sumorosa, que fruto lembra, pêssego? que a gente morde e o sumo escorre cáldo, a gente? Que os outros morderam, que sei eu desse fruto? Entrelaçou as mãos no regaço. Assim no escuro as luvas pareciam tão brancas, como se nunca tivessem tocado em nada. Fechou depressa os braços contra o corpo para não roçar com o cotovelo no homem que se sentou na poltrona ao lado. Coma com as asas ⁷⁸fechadas, mamãe me dizia. Viva com as asas fechadas, podia ter dito. Sim, o meu amor por Deus. Mas tanta disciplina, tanta exatidão pode se chamar de amor? Se ao menos tivesse entrado para um convento, me abrasado ⁷⁹nas vigílias, nos jejuns, dilacerando pés e mãos na piedade — que provas dei da minha devoção? É a vontade de Deus, mamãe costumava dizer e eu fiquei repetindo, é a vontade de Deus,

440 mas seria mesmo? Que sei eu dessa Vontade? Minha nota subiu, professora? Só se o caderno estiver em ordem, sem rasgões ou nós, encapado com papel-manteiga verde. Manteiga com ou sem sal. Que sei eu desse rio com seus descaminhos? Mas não é no coração que vão dar todos eles? O coração, ele também não se irriga

445 nesse amor?

Abriu a bolsa, tirou o lenço e enxugou os olhos. Através do vidro embaçado dos óculos, pressentiu que a fita chegava ao fim e desejou ardentemente que ela se prolongasse, agora não queria mais a claridade, espera, estou tão desalinhada, meus Céus, deixa

450 me abotoar e este cabelo, onde foi parar o grampo? Apalpou depressa a lapela do casaco, despreendeu a camélia e guardou-a no fundo da bolsa. A lágrima contornou-lhe a boca, limpou a boca, como fui me comover desse jeito? Feito uma velha tonta, espera, eu estava querendo dizer que a nossa cidade, Senhor Diretor, que

⁷⁷ Fez todo tipo de coisas.

⁷⁸ Braços.

⁷⁹ Queimado.

455 esta pobre cidade — que é que tem mesmo esta pobre cidade? Acabei falando em outras pessoas, em mim, espera, vamos começar de novo, sim, a carta. Senhor Diretor: antes e acima de tudo. Antes e acima de tudo, Senhor Diretor. Senhor Diretor: Senhor Diretor:

I Responda em frase completa:

- 1) Como é Maria Emília?
- 2) Por que a primeira linha do conto, com sua referência contrastante entre *seca* e *cheia*, reflete a personalidade da heroína?
- 3) Onde é que a estória tem lugar? O local muda no decorrer da estória?
- 4) O que horroriza Maria Emília no começo?
- 5) E mais tarde?
- 6) Ela pode simbolizar certa mentalidade? Qual?
- 7) Exatamente como?
- 8) Como é Mariana, sua amiga?
- 9) Que é que as duas têm em comum?
- 10) Maria Emília, no final, muda de filosofia? Como?
- 11) Por que se pode dizer que ela é hipócrita durante a maior parte da estória?
- 12) Como se sabe que o culto da juventude está em pleno vigor?
- 13) Você conhece gente igual à heroína? Como é que esta gente se parece com ela?